

Vitivinicultura mundial: 1961-2007

Tagore Villarim de Siqueira

<http://www.bndes.gov.br/bibliotecadigital>

VITIVINICULTURA MUNDIAL: 1961-2007

Tagore Villarim de Siqueira*

* Economista do Departamento Regional Nordeste do BNDES.

Nota: As principais fontes dos dados utilizados neste trabalho foram as seguintes: *FAO Statistical Databases* e *Office International de la Vigne et du Vin (OIV)*, para produção mundial e comércio exterior de uva e vinho; e *IBGE*, para a produção brasileira de uva.

BEBIDAS

Resumo

O Brasil apresenta uma das maiores produtividades médias do mundo na produção de uva e já produz vinhos finos de qualidade reconhecida internacionalmente. No Vale do São Francisco, por exemplo, a produtividade chega a ser duas vezes maior do que os melhores desempenhos mundiais e cinco vezes superior à produtividade média mundial. No entanto, o país ainda não aproveitou seu potencial nesse setor para se tornar um grande player mundial, a exemplo do que aconteceu com outras culturas agrícolas, como a cana-de-açúcar, a soja e o café. A participação brasileira na produção mundial de uva e de vinho ainda se situa em patamares muito baixos, enquanto outros países com rendimentos bem inferiores àqueles alcançados no Brasil expandiram as áreas colhidas de uva e despontaram nas últimas décadas como grandes players mundiais do setor. Este artigo apresenta uma análise sobre as principais tendências no setor de uva e de vinho nas últimas cinco décadas e procura destacar as oportunidades existentes para o crescimento mais rápido no país.

Nas últimas décadas, o setor de uva e de vinho experimentou mudanças significativas em várias partes do mundo, com destaque para o rápido crescimento dos produtores emergentes, que, além de produzirem safras cada vez maiores, acompanhadas por produtividade bem acima da média mundial, ingressaram na produção de vinhos finos de alta qualidade. Entre os novos produtores estão países como Estados Unidos (EUA), Austrália, China, África do Sul, Índia, Argentina, Chile e Brasil. A China, por exemplo, deverá superar nos próximos anos os tradicionais líderes mundiais em volume de produção de uva e vinho, como Itália e França, caso seja mantido o atual ritmo de crescimento da produção.

A entrada de novos integrantes no restrito grupo de grandes produtores de uva e de vinho de qualidade, até então dominado por países da Europa, vem proporcionando uma mudança de paradigma para o desenvolvimento setorial. Pode-se dizer que se encontra em andamento um processo de intensificação da internacionalização da produção de uva e de vinho da Europa para os demais continentes, em países que contam com terras de rendimento bem acima da média mundial em diferentes variedades de uva.

A produção brasileira se destaca pelos ganhos de produtividade e qualidade nas áreas mais antigas no cultivo da uva da Região Sul e pelos excelentes desempenhos dos vinhedos no semi-árido nordestino a partir dos anos 1980. Essa região tem uma das produtividades mais altas do mundo e excelente qualidade em diferentes variedades de uva – de mesa e para produção de vinho –, com boa adaptação de uvas clássicas utilizadas na produção dos melhores vinhos das principais regiões viníferas do globo, tais como Syrah, Cabernet Sauvignon, Merlot, Chardonnay, Alicante Bouschet, Touriga Nacional, Aragonês e Moscatel. Trata-se da única área em produção no mundo localizada no Paralelo 8 e, portanto, fora das tradicionais zonas temperadas, próprias para o cultivo da uva. A produção de uva no Paralelo 8 representa uma nova fronteira para expansão da produção de uva e de vinho no mundo capaz de atender à demanda ao longo de todo o ano sem as restrições dadas pelas estações (outono, inverno, primavera e verão), bem definidas nas zonas temperadas. Ou seja, produzir nessas terras representa uma quebra de paradigma setorial, uma nova fronteira a ser desbravada.

Todavia, quando se consideram a produção, a área cultivada e a produtividade das melhores terras *vis-à-vis* o potencial existente para produção de uvas no Vale do São Francisco, bem

como de produtos derivados, como suco, passas e especialmente vinho de alta qualidade, conclui-se que as oportunidades para o desenvolvimento da Região Nordeste e do país não estão sendo bem aproveitadas. Assim, torna-se mesmo urgente a criação de um programa específico para fomentar o desenvolvimento da cadeia produtiva de uva e de vinho no país e mais propriamente no Vale do São Francisco. É importante também ampliar os investimentos na infra-estrutura de irrigação e na logística de transporte. O aumento de tais investimentos contribuirá para a elevação da competitividade sistêmica regional, pois irá proporcionar melhores condições para aumentar significativamente a área plantada com vinhedos, melhorar a qualidade no transporte de mercadorias e reduzir os custos no escoamento da safra e no transporte dos insumos.

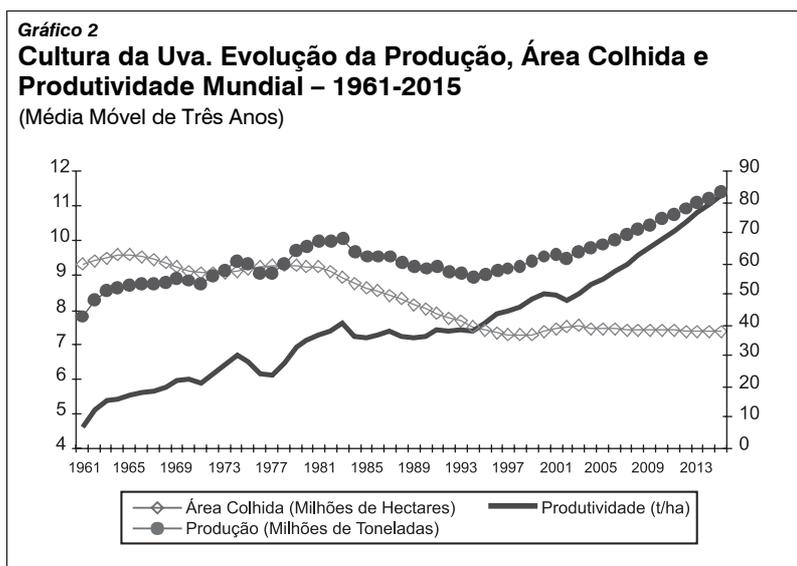
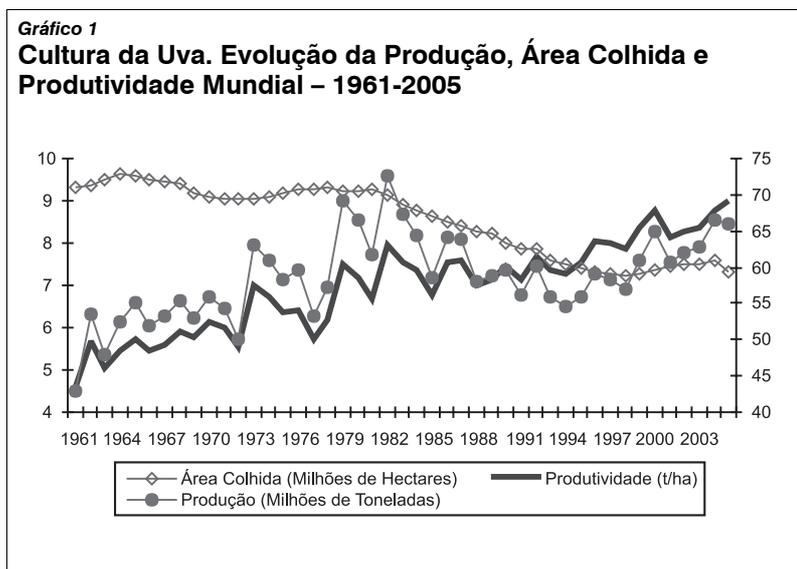
Este artigo tem por objetivo apresentar o desempenho do setor nas últimas cinco décadas, com destaque para as principais características do ciclo econômico setorial relativo a variáveis como produção, área colhida, produtividade, consumo, preços, comércio exterior e grau de concentração, tanto para a produção agregada mundial quanto para o desempenho dos vinte principais produtores mundiais. O artigo é constituído por cinco seções, incluindo esta introdução. A segunda seção apresenta a evolução da produção, da área colhida e da produtividade mundial por continente e grandes produtores. A terceira analisa a evolução do consumo total e *per capita* de uva e a quarta apresenta as principais tendências relacionadas à evolução da produção, do consumo, dos estoques e do comércio exterior de vinho nas últimas décadas. A quinta seção, por fim, apresenta as considerações finais.

Evolução da Produção, Área Colhida e Produtividade por Continente e Grandes Produtores

Nas últimas cinco décadas, a tendência da produção mundial de uva apresentou três grandes fases. A primeira delas, entre os anos 1960 e início da década de 1980, foi marcada pelo crescimento acelerado da produção, que passou de 40,5 milhões de toneladas em 1961 para 64 milhões de toneladas em 1982. Portanto, proporcionou um aumento de 58% na produção mundial, com o crescimento médio atingindo uma taxa de 2,76% ao ano. A segunda fase, com duração de 12 anos, entre 1983 e 1994, foi marcada pela tendência de declínio. A produção mundial caiu de 60 milhões de toneladas no primeiro ano dessa fase para 53,75 milhões de toneladas em 1994, com uma queda de 11% no período e um incremento médio de -1,18% ao ano. Por fim, na terceira fase, entre 1995 e 2005 (ano mais recente com dados disponíveis), a tendência voltou a ser de alta. A produção mundial saltou de 55 milhões de toneladas em 1995 para 65,95 milhões de toneladas em 2005, ou seja, uma elevação de 20% na produção global de uva, com um crescimento médio de 2,12% ao ano. Como a tendência da área colhida foi de queda até a segunda metade dos anos 1990, pode-se afirmar que a recuperação da produção mundial de uva a partir dos

anos 1990 foi decorrente dos ganhos de produtividade no período, como se pode ver nos Gráficos 1 e 2. Observa-se, assim, que apenas em 2005 a produção mundial de uva voltou ao patamar da produção alcançada em 1982, portanto, há 22 anos, após um longo período de tendência marcada por declínio e estagnação (ver Gráficos 1 e 2 e Tabelas 1 a 3 do Anexo).

O declínio tanto da produção quanto da área colhida mundial de uva foi decorrente, em grande medida, do desempenho europeu, maior produtor mundial. Por outro lado, a Ásia foi a região que apresentou as maiores contribuições para o aumento da produção e da área colhida de uva no mundo, seguida por América do

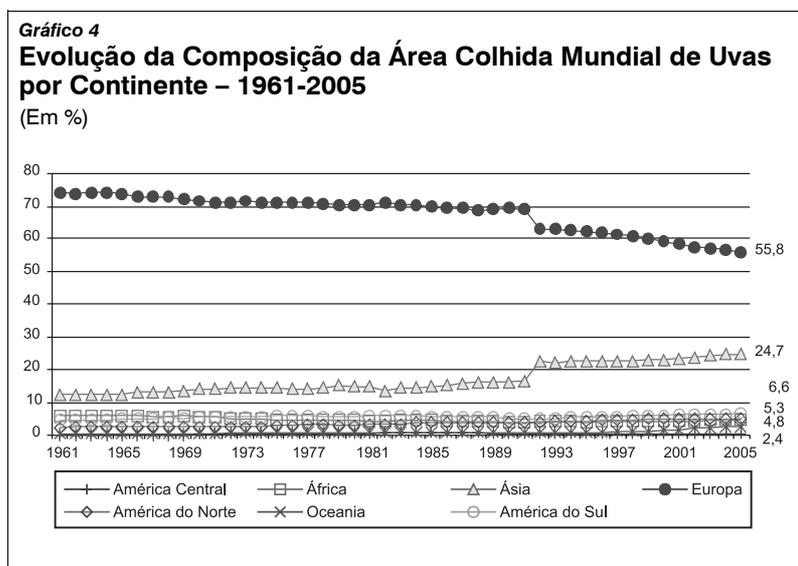
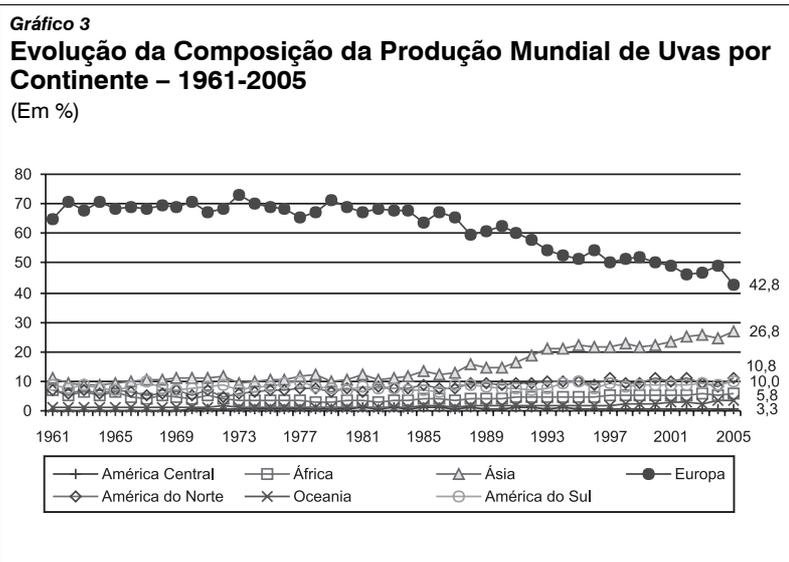


Norte, América do Sul, África e Oceania. Observou-se, assim, forte tendência para substituição de antigas áreas produtoras de uva da Europa pelos demais continentes.

Entre 1961 e 1982, a área colhida mundial de uva situou-se acima de 9 milhões de hectares. O melhor desempenho foi alcançado nos primeiros cinco anos da década de 1960, quando a área média foi de 9,5 milhões de hectares. Porém, mesmo nesse período, a tendência da área colhida foi de lento declínio, com um incremento médio de -0,10% ao ano. A partir daí a tendência de queda acentuou-se ainda mais até o final dos anos 1990. Entre 1983 e 1998, a taxa de crescimento médio tornou-se ainda menor e ficou em -1,43% ao ano. A área colhida de 1998 (7,25 milhões de hectares) foi a menor ao longo de todo o período analisado. A partir dessa fase a área colhida passou a apresentar lenta recuperação e a taxa de crescimento médio subiu para 0,76% ao ano. Em 1999, a área colhida mundial subiu para 7,27 milhões de hectares, seguindo em tendência de recuperação até 2004, quando alcançou o máximo de 7,59 milhões de hectares. Em 2005, contudo, a área colhida mundial sofreu uma nova queda (-3,43% em relação ao ano anterior) e situou-se em 7,33 milhões de hectares, mesmo assim, acima dos patamares alcançados nos anos 1990.

Entre os anos 1960 e 2000, a área colhida média mundial foi reduzida em 20,6%, enquanto a produção foi aumentada em 19,74%, proporcionando um aumento de 50,73% na produtividade média mundial. Esse aumento da competitividade setorial foi decorrente do processo de substituição de áreas antigas na produção de uvas na Europa, onde a área colhida caiu de 6,87 milhões de hectares na década de 1960 para 4,26 milhões de hectares nos anos 2000 – portanto, uma redução de 2,61 milhões de hectares e um declínio de 38% na área colhida. Por outro lado, a expansão de novos vinhedos em terras mais produtivas nos demais continentes contribuiu para o aumento da produtividade, com destaque para o crescimento observado na Ásia, na América do Norte e na Oceania, a saber: na Ásia, a área colhida subiu de 1,22 milhão de ha nos anos 1960 para 1,81 milhão de ha nos anos 2000, o que equivale a um aumento de 593 mil ha e a um crescimento de 49%; na América do Norte, a área colhida subiu de 230 mil ha na década de 1960 para 390 mil ha nos anos 2000, um aumento de 160 mil ha ou 68%; e, na Oceania, a área colhida subiu de 52 mil ha na década de 1960 para 164 mil ha nos anos 2000, um aumento de 112 mil ha ou 217%.

Entre os países, as maiores reduções nas áreas colhidas médias entre os anos 1960 e 2000 foram observadas na Itália (670,5 mil ha), França (503,4 mil ha), Espanha (435 mil ha), Argélia (271,3 mil ha), Hungria (150,5 mil ha), Grécia (107,3 mil ha), Romênia (94,5 mil ha), Iugoslávia (89,4 mil ha), Bulgária (68,3 mil ha), Argentina (66,4 mil ha) e Marrocos (22,6 mil ha). Por outro lado, os maiores aumentos da área colhida foram realizados pelos seguintes



países: China (382,8 mil ha), Estados Unidos (162,7 mil ha), Irã (161,5 mil ha), Austrália (94 mil ha), Chile (65,3 mil ha), Egito (53,7 mil ha), Índia (48,5 mil ha), África do Sul (31,9 mil ha) e Alemanha (29 mil ha), conforme Tabela 3 e Gráfico 1 do Anexo.

Nesse mesmo período, a área colhida média no Brasil praticamente manteve-se igual à dos anos 1960. Na verdade, houve até uma pequena redução de 590 ha na área colhida, que passou de 67,44 mil ha para 66,85 mil ha. No entanto, a tendência em relação à década de 1990 vem sendo de lenta recuperação e alta, com um aumento da área colhida de 59,38 mil ha em 1999 para 73,20 mil ha em 2005. Portanto, todos os países emergentes na produção de uva,

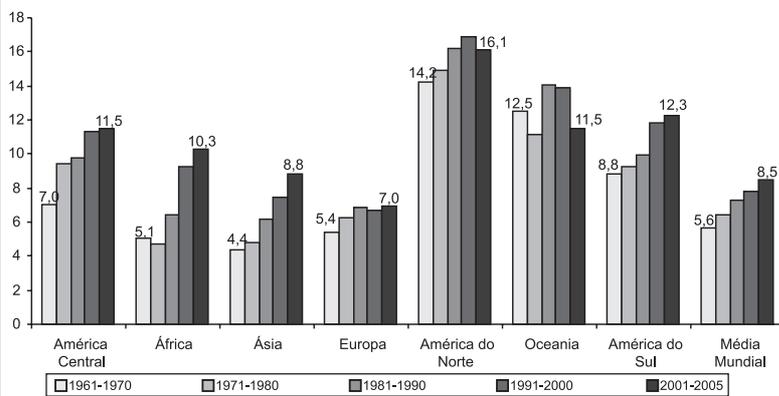
que contam com produtividade elevada, apresentaram fases de aumentos significativos da área colhida, que se traduziram em aumentos da produção e melhor posicionamento setorial no mercado mundial de uva e, também, de vinho. Esse fato contrasta com as pequenas participações brasileiras decorrentes de iniciativas para expansão da cultura de uva e de vinho no país, que poderiam ser classificadas como modestas no contexto internacional. A despeito da elevada produtividade alcançada no Vale do São Francisco, o país não contou com um programa de apoio ao desenvolvimento para essa lavoura capaz de promover a expansão do setor, tal como se verificou em outros países que despontaram como grandes *players* mundiais nas últimas décadas.

Ao longo desse período, a produtividade média mundial saltou de 5,6 t/ha na década de 1960 para 8,5 t/ha nos anos 2000. Portanto, um crescimento de 52% entre os anos 1960 e 2000. Os maiores ganhos de produtividade foram alcançados pelo continente norte-americano, onde o rendimento físico saltou de 14 t/ha na década de 1960 para 16,9 t/ha nos anos 1990 e atingiu 16,1 t/ha entre 2001 e 2005. No mesmo período, a América do Sul ficou na segunda posição, com uma variação do rendimento de 9 t/ha para 12,3 t/ha; a Oceania e a América Central ficaram na terceira colocação, porém, enquanto a Oceania elevou a produtividade de 12,5 t/ha nos anos 1960 para 14 t/ha nos anos 1990, para depois reduzir para 11,5 t/ha nos anos 2000, a América Central elevou a produtividade de 7,0 t/ha nos anos 1960 para 11,5 t/ha nos anos 2000; a África ficou na quarta posição, com o rendimento aumentando de 5 t/ha para 10 t/ha; a Europa, ainda o maior produtor mundial de uva, ficou na última colocação, apesar de ter elevado sua produtividade média de 5,4 t/ha para 7,0 t/ha, o que a manteve abaixo da produtividade média mundial (ver Gráfico 5).

Gráfico 5

Cultura da Uva. Evolução da Produtividade Média por Continente – 1961-2005

(Em Tonelada/Hectare)



A mudança de importância entre os grandes produtores mundiais de uva também pode ser observada com base nos diferentes graus de concentração da produção (GC). O grau de concentração da produção mundial de uva declinou para todos os subgrupos observados, embora as maiores quedas tenham sido observadas entre os dois e os três maiores produtores. O GC2 e o GC3 passaram, respectivamente, de 39% e 48% em 1961 para 24% e 34% em 2005, com declínios, portanto, de 15 e 14 pontos percentuais no período analisado. Nos outros subgrupos, os declínios foram menores e os graus de concentração mantiveram-se em patamares ainda muito elevados. O GC5, por exemplo, caiu de 63% para 53%, enquanto o GC10, o GC15 e o GC20 caíram de 81%, 89% e 95% para 74%, 84% e 89%; ou seja, sofreram reduções entre 9 e 6 pontos percentuais no mesmo período. Vale observar ainda que nos últimos anos da atual década verificou-se pequeno retorno à concentração da produção em todos os subgrupos observados (ver Gráfico 6).

A forte tendência de redistribuição de *market-share* da produção mundial de uva foi motivada pelo declínio da Itália, da França e da Espanha e pela ascensão de novos produtores, como a China e os Estados Unidos. O resultado desses desempenhos foi a estabilidade do grau de concentração para os cinco maiores produtores mundiais de uva. Todavia, quando se considera a concentração da produção para os 10, 15 ou 20 maiores produtores mundiais, observa-se que a tendência voltou a ser de aumento da concentração da produção mundial em um número limitado de países a partir dos anos 1990 (ver Gráficos 7 a 9).

Os países emergentes que apresentam produtividade elevada no cultivo de uva e ainda contam com grandes extensões de terras boas a serem cultivadas têm grande potencial para se torna-

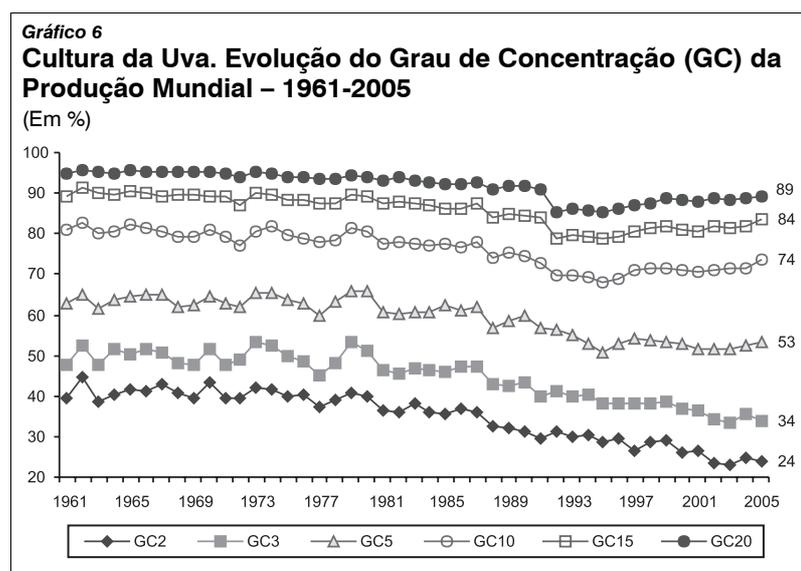


Gráfico 7
Cultura da Uva. Ranking dos 20 Maiores Produtores Mundiais de Uva – 2005
 (Em Milhões de Toneladas)

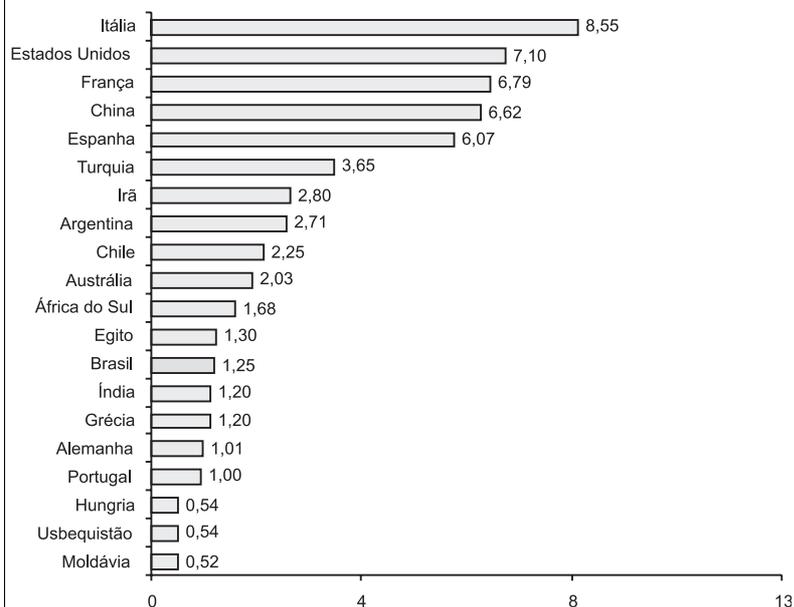
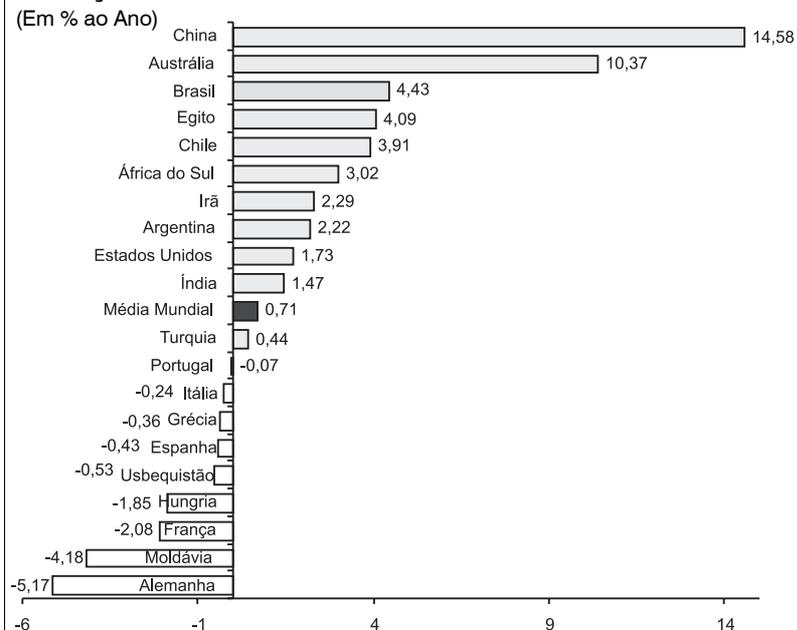
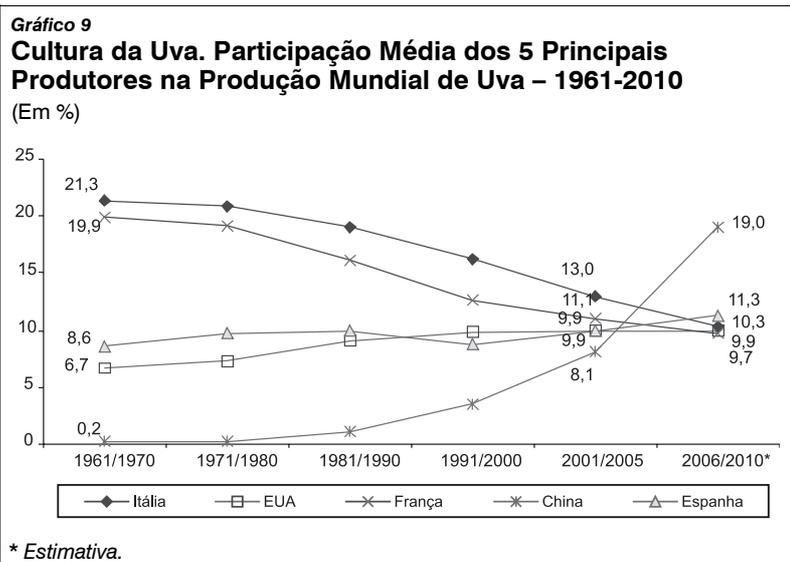


Gráfico 8
Cultura da Uva. Ranking dos 20 Maiores Produtores Mundiais de Uva Segundo a Taxa de Crescimento Médio da Produção – 2001-2005
 (Em % ao Ano)



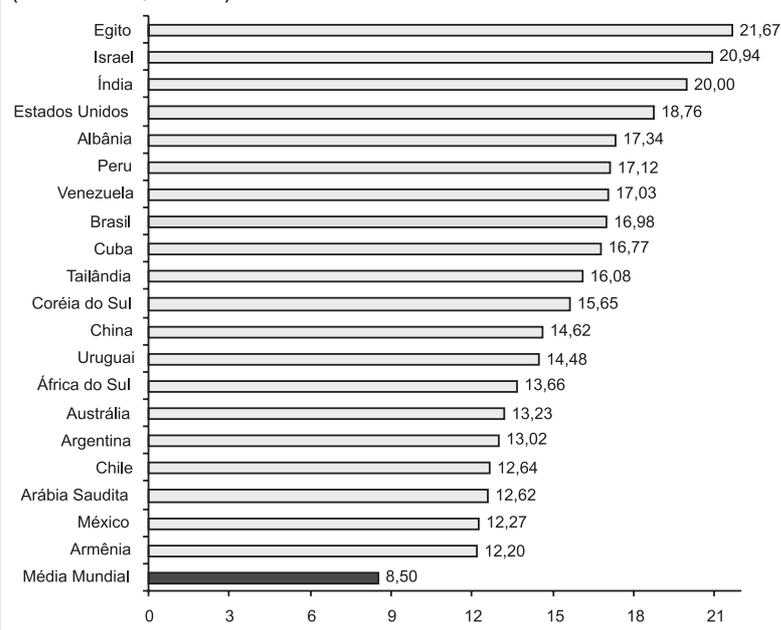


rem *players* importantes no mercado mundial de uva e de vinho em curto espaço de tempo. Trata-se de um movimento que já se encontra em curso. O melhor posicionamento dos emergentes dependerá do sucesso da estratégia para ampliar a área plantada, em bases competitivas internacionais, e do fortalecimento de todos os elos da cadeia produtiva, tais como na produção de vinho, sucos, doces, bebidas lácteas, sorvetes, passas, vinagres, cosméticos e fármacos. Nesse sentido, é importante criar melhores condições para o crescimento das vinícolas nacionais e para atrair produtores das antigas regiões viníferas do mundo, capazes de proporcionar ganhos de qualidade na produção nacional de uva e de vinho.

A ampliação da área plantada deveria ser acompanhada de uma estratégia de *marketing* que tivesse por objetivo a elevação do consumo *per capita* de uva e derivados no país para padrões pelo menos acima da média mundial. A ampliação do mercado interno para tais produtos representa um passo importante para viabilizar o aumento da área colhida das novas plantações. À medida que os produtores ganhem experiência no cultivo de uva nas novas terras, os ganhos de qualidade serão ampliados para os produtos derivados, especialmente na produção de vinho. O sucesso desse ciclo virtuoso criará as condições para a consolidação do país na cultura de uva e de vinho no mercado mundial. Porém, para atingir tal objetivo, ainda será preciso superar vários obstáculos, entre os quais se destacam o crédito escasso e caro, a precária infra-estrutura, geral e de irrigação, a escassez de mão-de-obra especializada e a limitação dos recursos para desenvolvimento tecnológico.

Gráfico 10
Cultura da Uva. Ranking Mundial segundo a Produtividade
(20 Maiores Rendimentos) – 2005

(Em Tonelada/Hectare)



Desempenho dos Principais Produtores

Europa

Nas duas últimas décadas, as tendências da produção, da área colhida e da produtividade dos nove maiores produtores de uva da Europa mostraram que o declínio da área colhida foi acompanhado por aumentos da produtividade e da produção, um reflexo do esforço realizado para aumentar a competitividade setorial. No entanto, os aumentos observados no rendimento físico não foram proporcionais às quedas apresentadas pela área colhida, o que gerou aumentos apenas modestos da produção. A exceção foi a Grécia, que conseguiu considerável ganho de produtividade, embora tenha mantido a produção no mesmo patamar de décadas anteriores. Por outro lado, o processo de rápido declínio da área colhida na Europa verificado até a década de 1980 sofreu forte desaceleração a partir dos anos 1990. Manteve-se, assim, em produção uma grande área com baixa produtividade que contribuiu para deixar o rendimento médio da maioria dos produtores europeus abaixo da média mundial e, por consequência, não provocou maiores alterações na dependência dos subsídios agrícolas.

Em 2005, os seis principais produtores europeus de uva, com produção acima de 1 milhão de toneladas/ano, responderam por 86% da produção de uva do continente, a saber: Itália, 8,55 milhões de t (30%); França, 6,79 milhões de t (24%); Espanha, 6,07 milhões de t (21%); Grécia, 1,40 milhão de t (4,2%); Alemanha, 1,01

milhão de t (3,5%); e Portugal, 1,00 milhão de t (3,5%) (ver Gráficos 11 a 16 e Tabelas 1 e 2 no Anexo). A Romênia, que vinha apresentando produções acima de 1,2 milhão de toneladas até 2004, sofreu uma forte quebra de safra em 2005 e sua produção caiu para 506 mil toneladas. A despeito dos esforços realizados, esses países apresentaram produtividades abaixo da média mundial, com exceção da Alemanha, com produtividade de 10 t/ha, ainda assim com um rendimento bem abaixo dos países mais competitivos nessa cultura. Tal situação deixa evidente a dependência dos produtores europeus em relação aos subsídios agrícolas, sistematicamente contestados na Organização Mundial de Comércio (OMC) pelos países em desenvolvimento.

A Itália, o maior produtor mundial de uva, apresentou em 2005 uma safra de 8,55 milhões de toneladas, relativa a uma área colhida de 840 mil hectares, terceira maior do mundo, com uma produtividade de 10,21 t/ha. Entre os anos 1960 e 2000, a tendência foi de declínio para a área colhida, enquanto a produção apresentou tendência de alta até o início dos anos 1980, para a partir daí entrar em trajetória de queda. Nas últimas cinco décadas, a área colhida média e a produção média caíram, respectivamente, 44% e 23% e houve um aumento na produtividade de 38% no período. Todavia, a produtividade média alcançada em 2005, uma das mais elevadas nos últimos anos, atingiu apenas um patamar um pouco acima da média mundial e bem abaixo dos melhores desempenhos mundiais. Além disso, na primeira metade da atual década verificou-se uma desaceleração no ritmo de redução da área colhida, que se refletiu em declínio da produtividade por alguns anos. A área média girou em torno de 840 milhões de hectares, enquanto a produção, em tendência de declínio, alternou pequenas altas e baixas, oscilando em torno da média de 8,2 milhões de toneladas. Nesse período, a produtividade média atingiu 9,68 t/ha e a mínima de 8,84 t/ha, verificada em 2002, foi a menor dos últimos dez anos (ver Gráfico 11).

A França, o terceiro maior produtor mundial de uva e o segundo europeu, teve uma produção de 6,79 milhões de toneladas em 2005, referente a uma área colhida de 854 mil hectares e a uma produtividade de 7,96 t/ha. Também apresentou tendência de declínio da área colhida e da produção, acompanhada por ganhos de competitividade nas últimas décadas. Ainda assim, a produtividade manteve-se um pouco abaixo da média mundial e bem aquém dos rendimentos mundiais mais elevados. Entre os anos 1960 e 2000, a área colhida média e a produção média caíram, respectivamente, 37% e 30%, enquanto a produtividade foi incrementada em 11%. No entanto, a forte desaceleração no ritmo de queda da área colhida a partir de meados dos anos 1990 – a média situou-se em torno de 850 milhões de hectares, enquanto a produção oscilou entre pequenas altas e baixas, em torno da média de 7,2 milhões de toneladas – foi acompanhada pela desaceleração dos ganhos de competitividade (ver Gráfico 12).

Gráfico 11

Itália. Evolução da Produção, Área Colhida e Produtividade na Cultura da Uva – 1961-2005

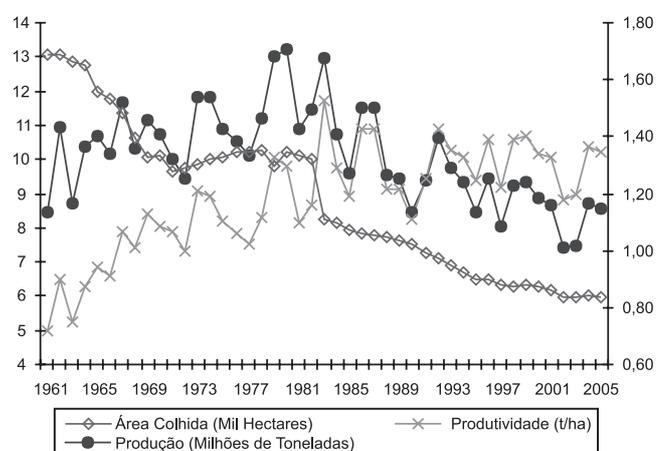
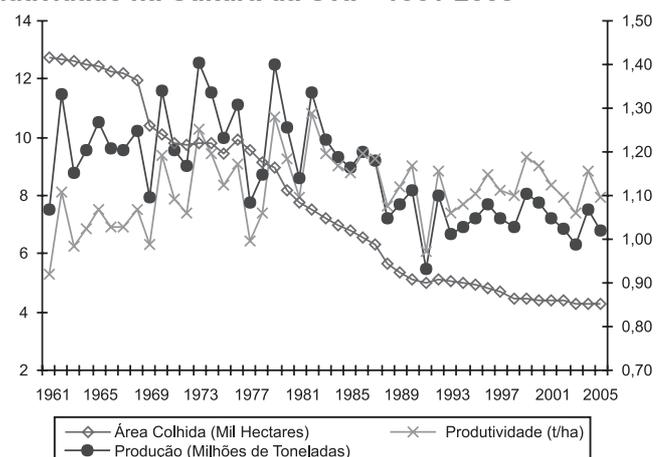


Gráfico 12

França. Evolução da Produção, Área Colhida e Produtividade na Cultura da Uva – 1961-2005



A Espanha, o quinto maior produtor mundial de uva e o terceiro europeu, com 6,07 milhões de toneladas em 2005, obtidas na maior área colhida de uva no mundo, de 1,2 milhão de hectares, foi o país da Europa que apresentou os maiores ganhos de competitividade no período observado. Houve uma redução de 27% na área colhida média, entre as décadas de 1960 e 2000, que correspondeu a aumentos de 46% na produção média (de 4,28 milhões de toneladas para 6,26 milhões de toneladas) e de 100% na produtividade (de 2,66 t/ha para 5,33 t/ha). Todavia, a produtividade média espanhola nos anos 2000, de 5,33 t/ha, representava apenas 60% do rendimento médio mundial, não mais do que 55% e 66% da produtividade italiana e francesa. Ou seja, a despeito dos aumentos

de eficiência verificados no período, a competitividade espanhola ficava bem distante dos grandes produtores europeus e dos maiores rendimentos mundiais (ver Gráfico 13).

A Grécia, o 16º produtor mundial de uva e o quarto europeu, teve uma safra de 1,2 milhão de toneladas em 2005, além de ter sido o 15º em área colhida no mundo e o oitavo na Europa, com 129 mil hectares. Seu desempenho foi semelhante ao dos três países anteriores, com uma tendência de forte redução da área colhida média até a década de 1990, acompanhada pelo aumento da produtividade. Entre 1960 e 1990, a área colhida média foi reduzida em 45%, a produção média caiu 17% e a produtividade aumentou 52%. Na atual década, o declínio da área colhida média de 1,4% foi acompanhado por quedas de 2% na produção e de 0,50% na produtividade. O desempenho da Grécia mostra sua considerável competitividade em relação aos grandes produtores mundiais, como Itália, França e Espanha, pois sua produtividade atingiu, respectivamente, 100%, 119% e 181% dos rendimentos desses países. No entanto, a produtividade grega, de 9,66 t/ha, situava-se em patamar apenas um pouco acima da produtividade média mundial (109%) nos primeiros anos da atual década (ver Gráfico 14).

A Alemanha, o 16º produtor mundial e o quinto europeu, registrou uma safra de 1,01 milhão de toneladas em 2005, além de ter sido o 20º em área colhida no mundo e o 11º europeu, com 98 mil hectares. Fez parte de um grupo de produtores europeus, como Portugal, Hungria e alguns países do leste, que apresentou expansão da área colhida entre 1960 e 1990, tendência oposta à *performance* dos grandes produtores, como Itália, França e Espanha. Nesse período, a área colhida média alemã foi aumentada em 46% e a produção subiu 76%, enquanto o rendimento médio foi aumen-

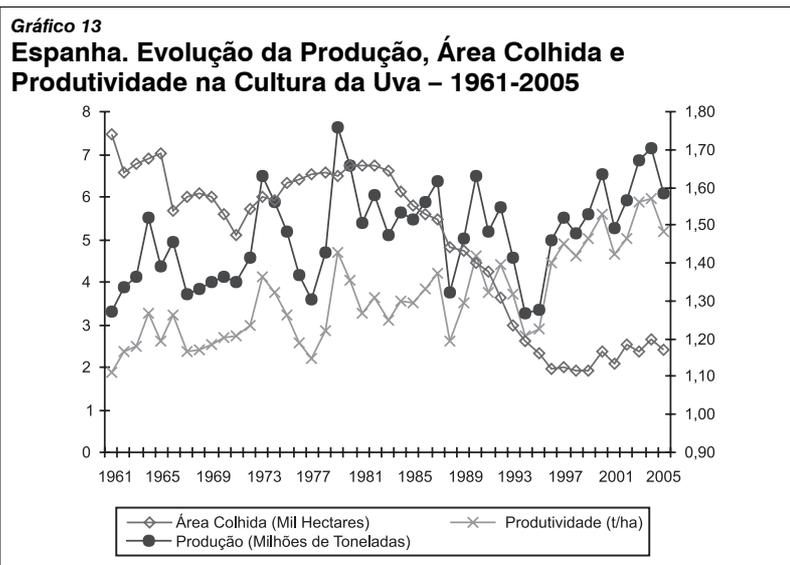
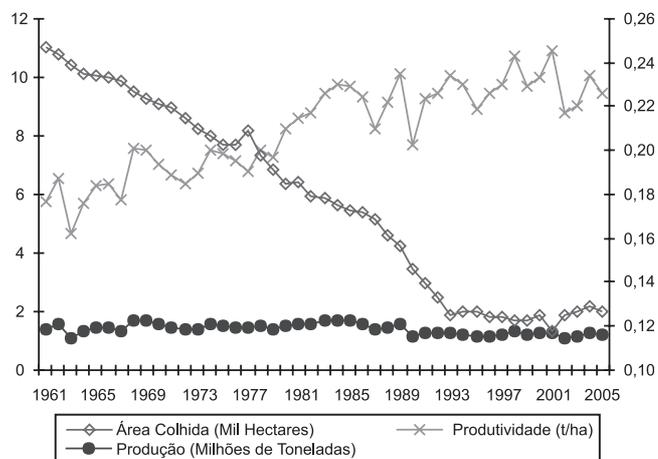


Gráfico 14

Grécia. Evolução da Produção, Área Colhida e Produtividade na Cultura da Uva – 1961-2005

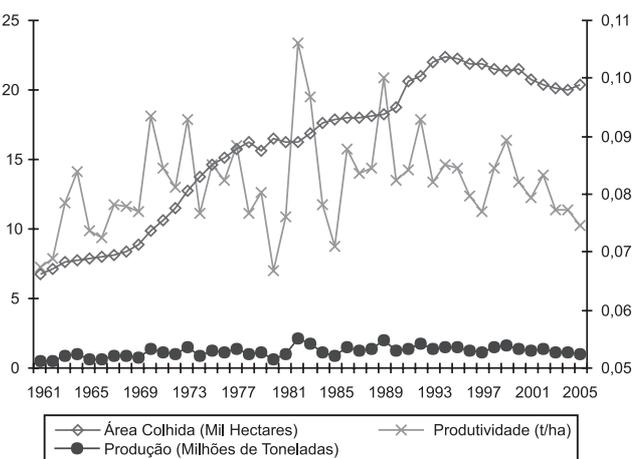


tado em 21%. Com esse desempenho, a produtividade média alemã nos anos 1990, de 14,22 t/ha, mostrava-se bastante competitiva diante dos grandes produtores mundiais – o rendimento alemão atingiu, respectivamente, 122%, 146% e 222% dos rendimentos da Itália, da França e da Espanha e representou 133% da média mundial. Na atual década, porém, a área colhida, a produção e a produtividade entraram em tendência de queda e os incrementos médios alcançaram, respectivamente, -3,16%, -17% e -14% (ver Gráfico 15).

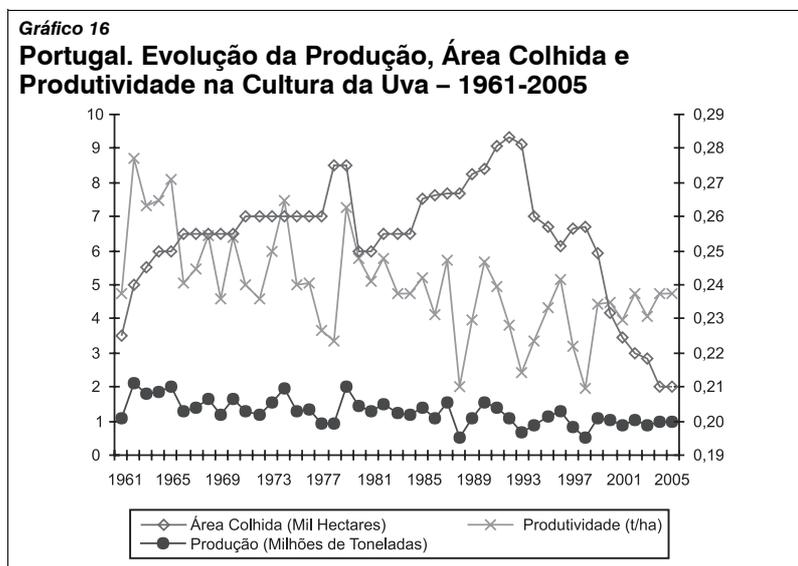
Portugal, o 17º maior produtor mundial de uva e o sexto europeu, teve uma produção de 1 milhão de toneladas em 2005, referente a uma área colhida de 210 mil hectares, oitava maior no

Gráfico 15

Alemanha. Evolução da Produção, Área Colhida e Produtividade na Cultura da Uva – 1961-2005



ranking mundial e quarta na Europa. Com uma tendência oposta à dos grandes produtores europeus, experimentou um aumento de 3,85% na área colhida entre 1960 e 1990, enquanto a produção e o rendimento médio caíram 40,3% e 42,4%. Já nos primeiros anos da atual década, a área colhida média também passou a apresentar forte tendência de declínio, com uma queda de 17% em relação à média da década anterior, acompanhada por uma queda de 2% na produção e um aumento de 17% na produtividade. No entanto, a melhoria do desempenho ainda não foi suficiente para elevar substancialmente a produtividade média, que atingiu 4,46 t/ha entre 2001 e 2005. Portanto, situou-se ainda em patamar abaixo do rendimento dos grandes produtores mundiais, como Itália, França e Espanha – o rendimento médio português atingiu, respectivamente, 46%, 55% e 84% da produtividade desses países e alcançou apenas 50% da média mundial (ver Gráfico 16).

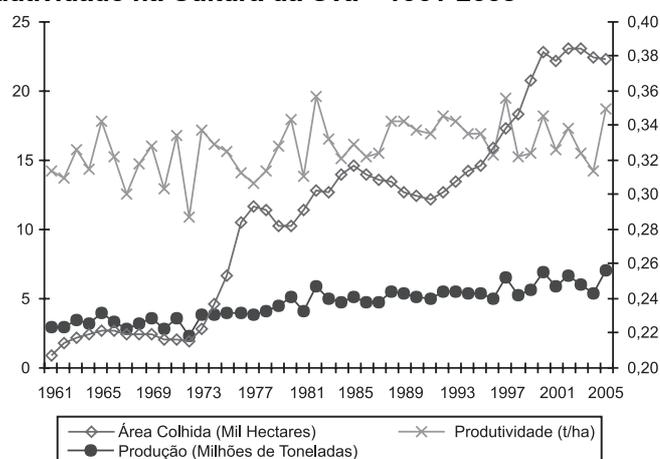


Na América do Norte, os Estados Unidos se destacam como o segundo maior produtor mundial de uva, com uma produção de 7,1 milhões de toneladas em 2005, e a sexta maior área colhida (380 mil hectares), equivalentes a, respectivamente, 99% e 98% da produção e da área colhida no continente. Ao contrário do que ocorreu com os grandes produtores europeus, a produção norte-americana apresentou forte tendência de alta da área colhida, acompanhada por ganhos de produtividade e aumentos da produção. Em 2005, a produtividade atingiu 18,8 t/ha e, nos primeiros cinco anos da atual década, a produtividade média norte-americana representou, respectivamente, 295%, 194% e 162% da produtividade da Espanha, da França e da Itália e 177% da média mundial (ver Gráfico 17).

América do Norte

Gráfico 17

Estados Unidos. Evolução da Produção, Área Colhida e Produtividade na Cultura da Uva – 1961-2005



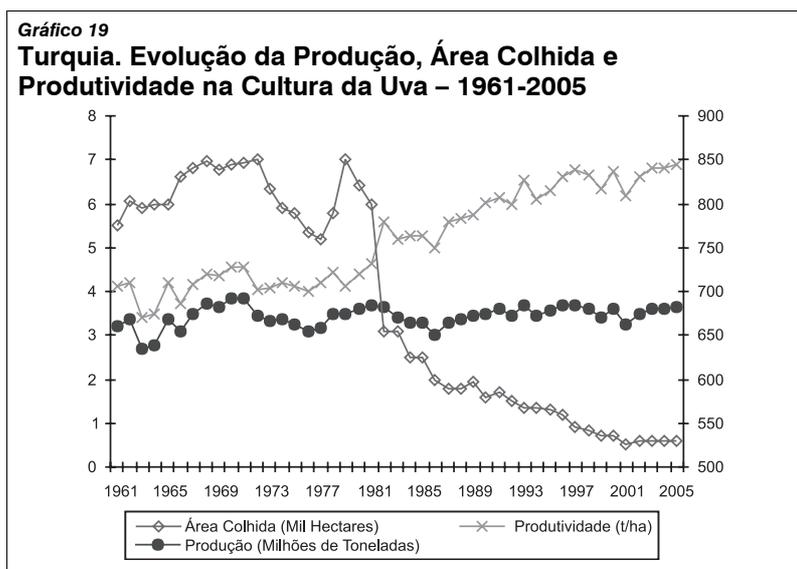
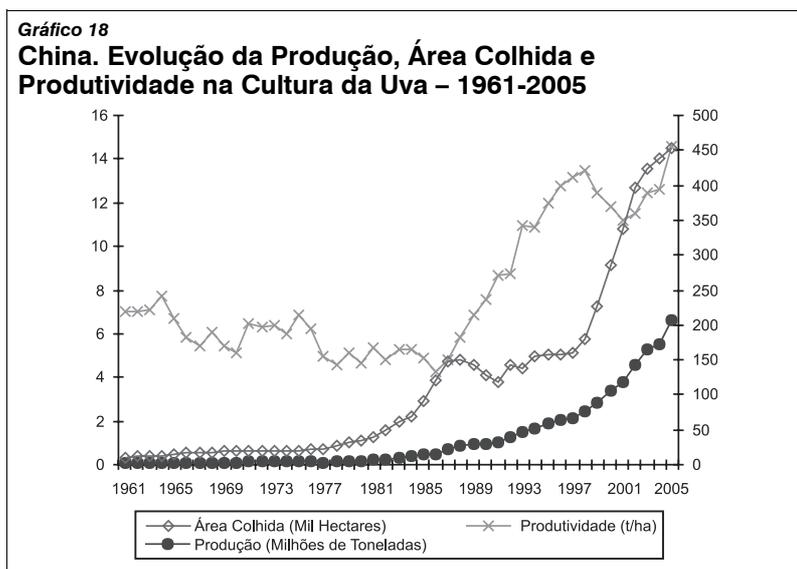
Nas últimas cinco décadas, a expansão da área colhida de uva nos Estados Unidos foi marcada por três fases principais de crescimento rápido: a primeira fase teve início nos anos 1970, quando saltou de 210 mil hectares em 1972 para 290 mil hectares em 1978; a segunda fase foi entre 1981 e 1985, quando, após dois anos de declínio em 1979 e 1980, verificou-se a retomada da tendência de alta por cinco anos e atingiu-se em 1985 a área máxima de 320 mil hectares; por fim, a terceira fase aconteceu entre 1995 e 2000, quando a área colhida subiu de 320 mil hectares para 380 mil hectares e manteve-se nesse patamar até 2005 (ver Gráfico 17).

Ásia

Na Ásia, o principal destaque foi a rápida expansão da área colhida, acompanhada pelo crescimento da produtividade, na China (o quarto maior produtor mundial e o quinto em área colhida), no Irã (o sétimo maior em produção e em área colhida) e na Índia (o 14º maior produtor mundial e o 26º em área colhida). A Turquia, o sexto maior em produção e o quarto maior em área colhida no *ranking* mundial, apresentou tendência diferente, caracterizada por forte redução da área colhida, acompanhada pelo aumento da produtividade e da produção (ver Gráficos 18 a 21).

A China aumentou a produção de uva de uma média de 100 mil toneladas por ano na década de 1960 para 2,01 milhões de toneladas na década de 1990, 5,15 milhões de toneladas entre 2001 e 2005 e 6,62 milhões de toneladas em 2005. O bom desempenho chinês foi decorrente de uma estratégia bem-sucedida de grande expansão da área colhida, acompanhada por ganhos de produtividade. A expansão da área colhida apresentou quatro grandes fases

de crescimento: na primeira fase, de 1961 a 1977 (portanto, com duração de 17 anos), a área colhida foi duplicada, passando de 10 mil hectares para 21 mil hectares; na segunda fase, com duração de 11 anos, de 1978 a 1988, a área colhida foi aumentada em sete vezes, saltando de 26 mil hectares para 151 mil hectares; na terceira fase, com duração de cinco anos, de 1989 a 1993, a área colhida alternou anos de declínio e de lenta recuperação, com a área média de 134 mil ha; e, por fim, na quarta fase, com duração de 12 anos, de 1994 a 2005, a área colhida voltou a apresentar rápido crescimento e foi triplicada, saltando para 452 mil hectares, ou seja, um aumento de 226% em relação à área de 1993 (ver Gráfico 18).



Todavia, a longa fase de 12 anos de ganhos de produtividade apresentada pela produção chinesa, entre meados dos anos 1980 e a primeira metade dos anos 1990, foi interrompida no fim da última década por causa do grande salto da área colhida, embora tenha havido uma recuperação da produtividade nos primeiros anos da atual década. Entre 1961 e 1977, a produtividade chinesa apresentou tendência de queda, passando de 7,04 t/ha para 4,95 t/ha, ou seja, um declínio de 30%. Entre 1978 e 1987, registrou-se uma tendência à estagnação, oscilando entre 4,3 t/ha e 5,3 t/ha. Entre 1988 e 1998, a produtividade chinesa voltou à trajetória de crescimento rápido, subindo de 5,82 t/ha para 13,44 t/ha, um aumento de 131%. Entre 1999 e 2001, houve nova tendência de queda por três

Gráfico 20

Irã. Evolução da Produção, Área Colhida e Produtividade na Cultura da Uva – 1961-2005

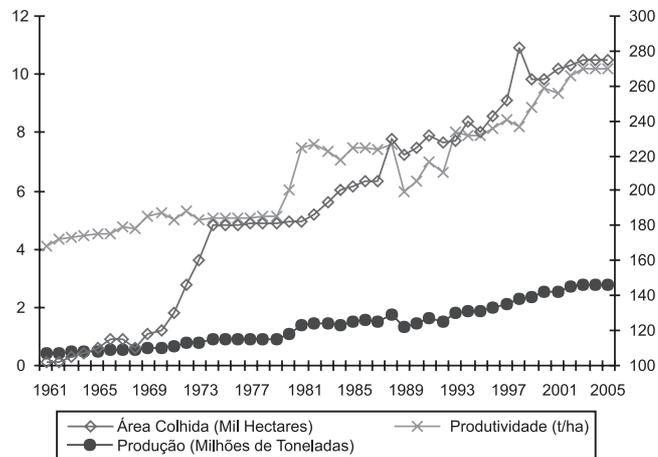
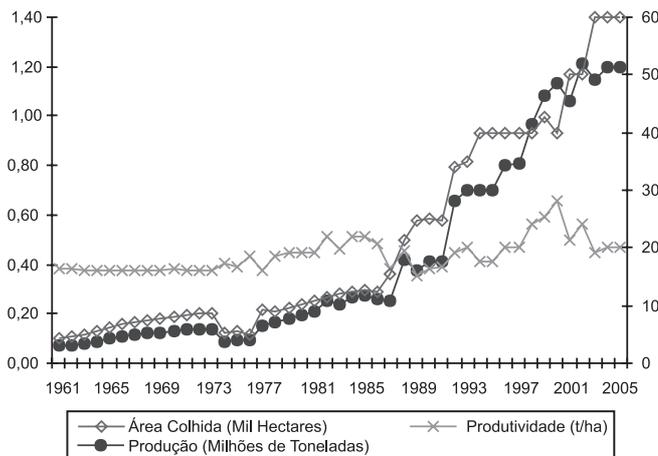


Gráfico 21

Índia. Evolução da Produção, Área Colhida e Produtividade na Cultura da Uva – 1961-2005



anos consecutivos, ficando em 11,16 t/ha no último ano desse período. Por fim, na última e mais recente fase, iniciada em 2002, voltou-se à tendência de alta e a produtividade atingiu 14,62 t/ha, bem acima da média mundial de 8,5 t/ha (ver Gráfico 18).

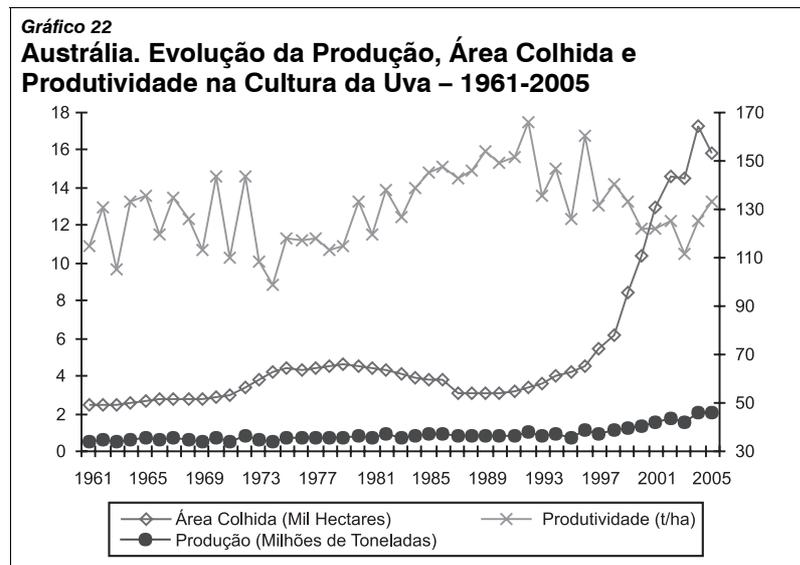
O resultado da expansão da área colhida, junto com o aumento da produtividade, foi a contínua expansão da produção, que se tornou mais acelerada a partir dos anos 1990. Entre 1961 e 1977, a produção chinesa subiu 46%, passando de 70 mil toneladas para 110 mil toneladas, com um incremento médio de 3% ao ano. Entre 1978 e 1988, o ritmo de crescimento foi ainda mais acelerado: a produção chinesa aumentou 624%, saltando de 120 mil toneladas para 880 mil toneladas, e alcançou um incremento médio de 22% ao ano. Entre 1989 e 1993, a produção subiu de 980 mil toneladas para 1,52 milhão de toneladas, proporcionando um aumento de 55%, equivalente a um incremento médio de 12% ao ano. Por fim, entre 1994 e 2005, a produção chinesa deu mais um grande salto, passando de 1,68 milhão de toneladas para 6,62 milhões de toneladas, um aumento de 239%, equivalente a um incremento médio de 13% ao ano (ver Gráfico 18).

O primeiro grande salto da produção chinesa, entre 1978 e 1988, aconteceu no período das reformas implementadas por Deng Xiaoping (1978-1992) no campo e nas cidades, que criaram as condições necessárias à grande arrancada para o rápido crescimento econômico e o lançamento da economia para um novo estágio de desenvolvimento, tal como foi observado nas últimas décadas. Nesse período, foram lançadas as reformas que proporcionaram a descentralização política e econômica do país, dando maior autonomia para as províncias e estimulando a modernização tecnológica e a abertura econômica da China. As reformas tinham como objetivos principais quadruplicar a renda *per capita* do país de US\$ 250 em 1981 para US\$ 1.000 em 2000, quadruplicá-la novamente até 2050 e tornar a China o centro de um bloco comercial do Leste Asiático, que responderia por 70% da população mundial, 50% dos bens produzidos no mundo, 40% do consumo mundial e 70% do comércio internacional. Nesse sentido, foram normalizadas as relações com os Estados Unidos, iniciadas negociações com a Rússia e criadas as Zonas Especiais de Exportação (ZEEs) [Marti (2007)]. O segundo grande salto da produção chinesa de uva, entre 1994 e 2005, aconteceu em um período no qual a economia alcançou taxas de crescimento superiores a 10% ao ano, estimulada pela continuidade das iniciativas para modernização do país e pela maior desvalorização da taxa de câmbio, que por sua vez contribuíram para elevação dos fluxos de capitais, do comércio exterior e do crescimento acelerado do PIB.

Oceania

Na Oceania, a Austrália se destacou como o principal produtor de uva, em 2005, com uma área colhida de 153 mil hectares, uma produção de 2,030 milhões de toneladas e uma produtividade de 13,23 t/ha. Tal desempenho colocou a Austrália na 10ª colocação no *ranking* mundial de produção, na 13ª em área colhida e na 15ª segundo o rendimento físico. Outro país que se destacou nesse continente foi a Nova Zelândia, com 25 mil hectares colhidos e uma produção de 150 mil toneladas, embora sua produtividade de 5,99 t/ha tenha ficado abaixo da média mundial.

O desempenho da Austrália nas últimas cinco décadas foi caracterizado pelo lento crescimento e pela estagnação da área colhida e da produção até meados dos anos 1990, quando passou a apresentar rápido crescimento, mantido até 2005. Nessa fase, o aumento da área colhida foi acompanhado por aumento menos do que proporcional da produção, o que se refletiu na tendência de queda da produtividade, experiência semelhante ao que aconteceu na Nova Zelândia. Entre 1994 e 2005, a Austrália triplicou a área colhida de 61,36 mil hectares para 153,20 mil hectares, uma estratégia que proporcionou um aumento da produção de 920 mil toneladas para 2,030 milhões de toneladas. No entanto, o custo da rápida expansão foi a queda da produtividade de 15 t/ha para 13,2 t/ha, em 2005 (ver Gráfico 22).



África

Na África, os dois principais produtores de uva são a África do Sul e o Egito, 11º e 12º produtores mundiais, respectivamente. Ambos os países apresentaram aumentos expressivos da produção, decorrentes de ampliações da área colhida, e aumentos de produtividade. Em 2005, a África do Sul registrou uma área colhida de

123,19 mil hectares, uma produção de 1,68 milhão de toneladas e uma produtividade de 13,66 t/ha, enquanto o Egito respondeu por uma área colhida de 60 mil hectares, uma produção de 1,30 milhão de toneladas e uma produtividade média de 21,67 t/ha, a maior do mundo.

A África do Sul apresentou crescimento acelerado da área colhida entre 1961 e 1978, subindo de 67 mil hectares para 120 mil hectares, um aumento de 79%, que foi acompanhado por uma elevação de 76% da produção; ou seja, crescimentos médios de 3,7% e 4% ao ano. Todavia, a produtividade alternou tendências de lento crescimento e estagnação, com uma taxa de crescimento médio de 0,56% ao ano. No período seguinte, entre 1979 e 1986, a área colhida caiu 25%, passando de 113 mil hectares para 85 mil hectares, enquanto a produção aumentou 9%, subindo de 970 mil toneladas para 1,06 milhão de toneladas. A produtividade subiu 44%, saltando de 8,60 t/ha para 12,42 t/ha, verificando-se, assim, uma mudança de patamar do rendimento físico. A partir daí, a área colhida entrou em tendência de recuperação e alta até 2005, quando atingiu 120,8 mil hectares, área semelhante à de 1979 – portanto, de 26 anos atrás. Essa tendência foi acompanhada pelo crescimento da produção a uma taxa média de 2,77% ao ano e pelo lento crescimento da produtividade, a uma taxa média 0,84% ao ano (ver Gráfico 23).

O Egito, por sua vez, apresentou crescimento médio de 7% ao ano da área colhida e da produção entre 1961 e 1986, enquanto a produtividade foi incrementada a uma taxa de apenas 0,3% ao ano. Nesse período de 27 anos, a área colhida subiu de 9 mil hectares para 45,8 mil hectares e a produção saltou de 110 mil toneladas para 450 mil toneladas. Entre 1987 e 1995, a área colhida

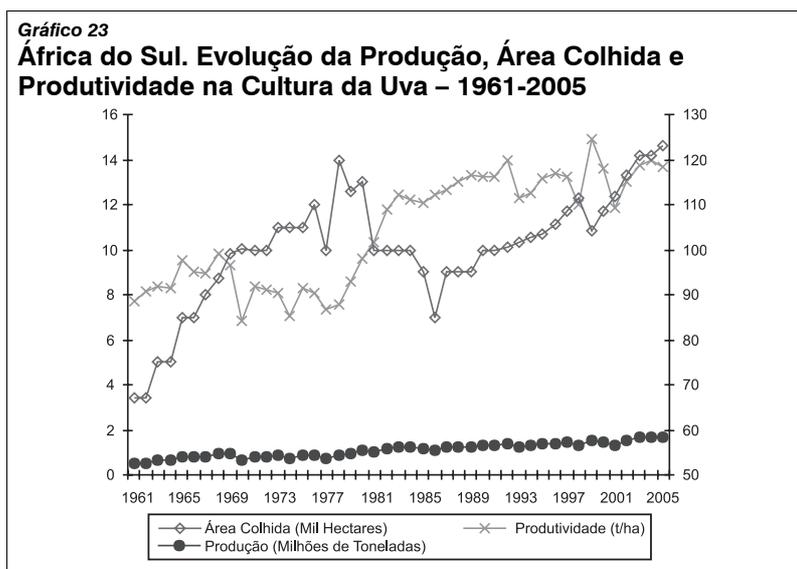
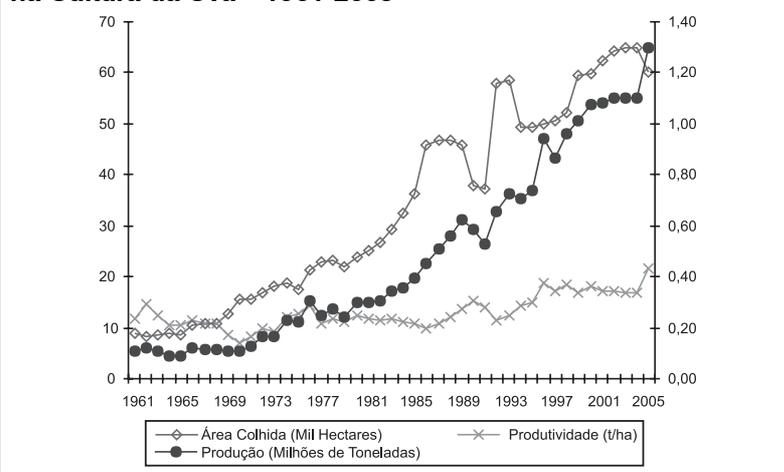


Gráfico 24

Egito. Evolução da Produção, Área Colhida e Produtividade na Cultura da Uva – 1961-2005

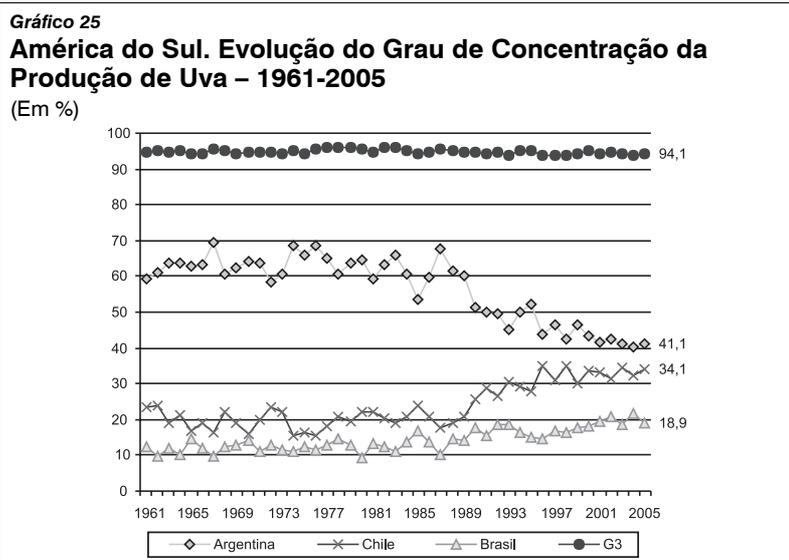


alternou fases de estagnação e de declínio, seguidas por recuperação, mas a tendência de crescimento só foi retomada a partir de 1996. Entre 1996 e 2005, a área colhida saltou de 49,96 mil hectares para 60 mil hectares e a produção subiu de 940 mil toneladas para 1,300 milhão de toneladas, com incrementos médios de 2,13% e 6,23% ao ano, respectivamente. A produtividade cresceu a uma taxa de 4,38% ao ano (ver Gráfico 24).

América do Sul

Na América do Sul, a produção de uva apresenta-se fortemente concentrada na Argentina, no Chile e no Brasil. Esses três países, que ocupam, respectivamente, a 8ª, a 9ª e a 13ª posições entre os maiores produtores mundiais, segundo *ranking* de 2005, concentraram mais de 90% da produção sul-americana de uva entre 1961 e 2005. No entanto, o grau de importância entre eles tem se alterado desde a segunda metade dos anos 1980. Verificou-se perda de participação da Argentina, de 68% em 1987 para 41% em 2005, acompanhada pela ascensão do Chile e do Brasil, cujas participações saltaram de 18% e 10% para 34% e 19% no mesmo período, respectivamente. Entre 1985 e 2005, a área colhida na Argentina foi reduzida em 29%, enquanto a produtividade e a produção cresceram 20% e 69%. Por sua vez, as áreas colhidas no Chile e no Brasil foram aumentadas em 59% e 27%, enquanto a produção e a produtividade também apresentaram crescimentos expressivos de, respectivamente, 125% e 42%, no caso chileno, e de 75% e 38%, no lado brasileiro (ver Gráficos 25 a 28).

Entre 1961 e 1978, a Argentina apresentou tendência de rápido crescimento da área colhida, acompanhada por lento cresci-

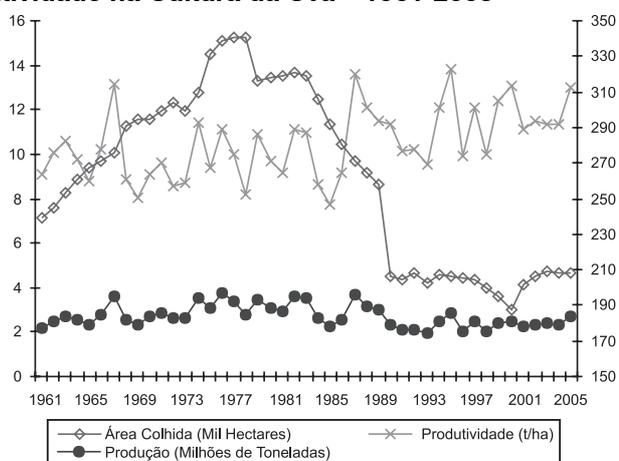


mento da produção e da produtividade. A área colhida aumentou de 239 mil hectares para 341 mil hectares (crescimento médio de 2,13% ao ano), a produção subiu de 2,17 milhões de toneladas para 2,80 milhões de toneladas (incremento médio de 2,92% ao ano) e a produtividade passou de 8 t/ha para 13 t/ha (crescimento médio de 0,84% ao ano). De 1979 a 1991, verificou-se uma fase de 13 anos marcada por forte redução da área colhida, que passou de 316 mil hectares para 204 mil hectares (média de -3,68% ao ano). A produção também registrou queda, passando de 3,45 milhões de toneladas para 2,08 milhões de toneladas (média de -0,51% ao ano), enquanto a produtividade saltou de 7 t/ha para 13,6 t/ha, com um incremento médio de 3,38% ao ano. O maior rendimento desse período, alcançado em 1987, foi de 13,63 t/ha. No período seguinte, de 1992 a 2000, verificou-se a desaceleração na tendência de queda da área colhida, com um crescimento médio de -0,95% ao ano. A produção e a produtividade passaram a crescer mais rapidamente, a taxas médias de 3,64% e 4,55% ao ano. No último ano dessa fase, a área colhida caiu para 187 mil hectares, enquanto a produção e a produtividade subiram para 2,46 milhões de toneladas e 13,1 t/ha, respectivamente. Por fim, no período mais recente, de 2001 a 2005, a área colhida voltou a aumentar, a uma taxa de 2,2% ao ano, enquanto a produção e a produtividade continuaram apresentando crescimento, embora a taxas declinantes de 2,22% e 0,33% ao ano. Em 2005, a área colhida na Argentina alcançou 208 mil hectares, a produção subiu para 2,7 milhões de toneladas e a produtividade alcançou 13,02 t/ha, bem acima, portanto, da média mundial (ver Gráfico 26).

No mesmo período, a área colhida de uva no Chile oscilou entre 100 mil e 114 mil hectares até a segunda metade dos anos 1970. Entre 1979 e 1981, verificou-se uma fase curta de rápido crescimento, quando a área colhida subiu para 125 mil hectares.

Gráfico 26

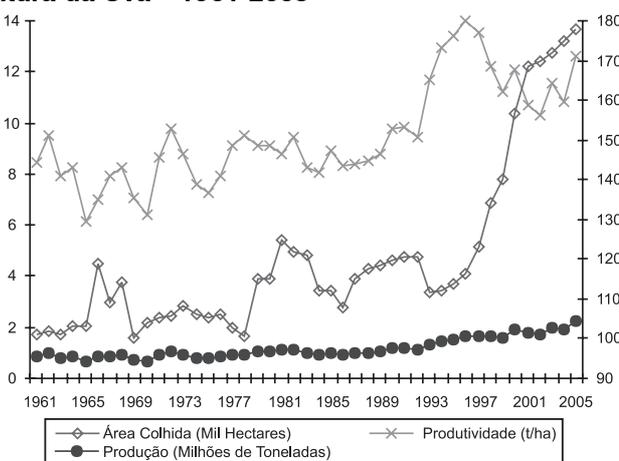
Argentina. Evolução da Produção, Área Colhida e Produtividade na Cultura da Uva – 1961-2005



Porém, a partir daí registraram-se cinco anos de declínio (com a área mínima de 108 mil hectares em 1986), seguidos por seis anos de recuperação (a área colhida máxima, de 120,7 mil hectares, foi alcançada em 1992). Em 1993, a área colhida caiu para 111 mil hectares e, a partir de 1994, entrou em tendência de recuperação e alta até 2005, quando atingiu 178 mil hectares. A produtividade média chilena saltou de 8,23 t/ha na primeira fase para, respectivamente, 8,60 t/ha, 9,12 t/ha e 12,09 t/ha nas fases seguintes. Esse desempenho garantiu a tendência de crescimento e quase duplicação da produção em um período de 14 anos, no qual a safra chilena saltou de 1,14 milhão de toneladas em 1992 para 2,25 milhões de toneladas em 2005 (ver Gráfico 27).

Gráfico 27

Chile. Evolução da Produção, Área Colhida e Produtividade na Cultura da Uva – 1961-2005



Nesse período, o Brasil não aproveitou muito bem as oportunidades que surgiram para melhorar substancialmente a posição competitiva como grande produtor mundial de uva. Além da falta de um programa específico para promover o desenvolvimento setorial mais rápido, os produtores de uva brasileiros enfrentaram cenários bastante adversos que desestimularam o aumento dos investimentos, tais como a estagflação dos anos 1980 e início dos anos 1990 e as valorizações cambiais entre 1994 e 1998 e entre 2003 e 2007. A área colhida ficou estagnada em uma média de 59 mil hectares de 1975 a 1995 (máximo de 61 mil hectares e mínimo de 57 mil hectares), durante 21 anos, portanto. Em 1996 e 1997, a área colhida média foi ainda menor, caindo para 56,5 mil hectares. O aumento mais acelerado só foi observado a partir de 1998, quando a área colhida subiu de 60,72 mil hectares para 71,93 mil hectares em 2005, proporcionando um incremento médio de 2% ao ano, bem acima da média de 0,33% alcançada no período anterior de 23 anos.

Ao longo de todas essas fases, a produção brasileira apresentou tendência de crescimento, embora o aumento da produção tenha sido mais acelerado na última fase, quando o incremento médio atingiu 5,13% ao ano, em decorrência do binômio ampliação da área colhida e ganhos de produtividade em um período marcado pela tendência de alta dos preços da uva e do vinho. Entre 1961 e 1974, a produtividade média saltou de 6,95 t/ha para 10,57 t/ha; entre 1975 e 1995, a produtividade deu novo salto, subindo de 10,06 t/ha para 13,76 t/ha; e entre 1998 e 2005, o rendimento passou de 12,75 t/ha para 16,97 t/ha. O melhor desempenho nos 45 anos analisados foi alcançado em 2004, com 18,17 t/ha. Entre 2001 e 2005, a produtividade brasileira foi em média 220% maior do que a média mundial e superou mesmo o rendimento médio dos dez maiores produtores mundiais (ver Gráfico 28 e Tabela 1).

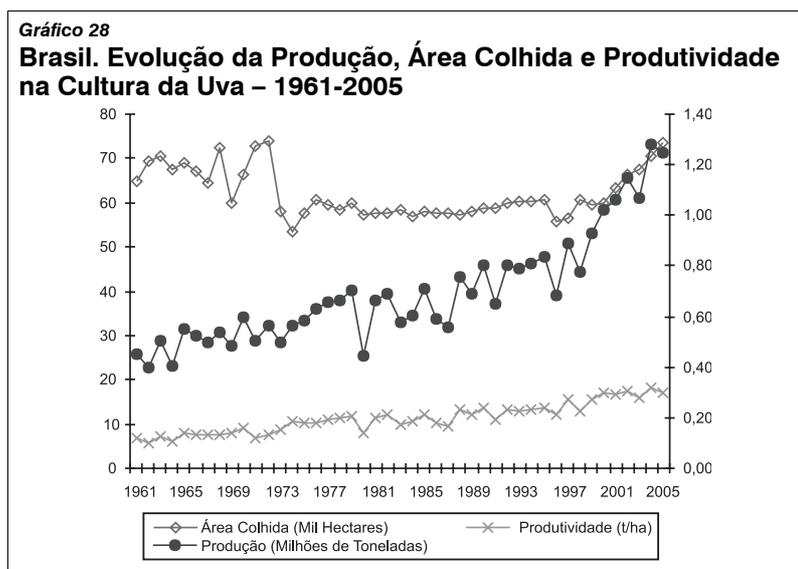


Tabela 1

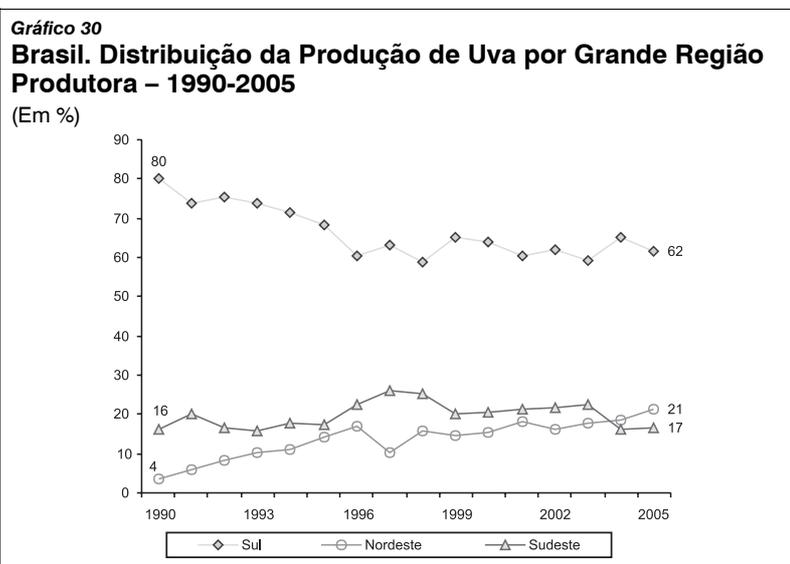
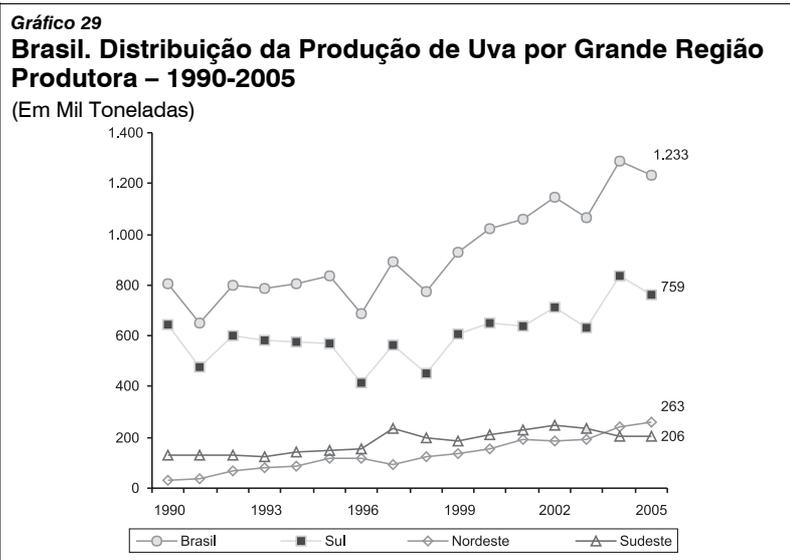
Cultura da Uva. Participação da Produtividade do Brasil na Produtividade dos Principais Produtores Mundiais de Uva 1961-2005

(Em %)

POSIÇÃO	PAÍSES	1961-1970	1971-1980	1981-1990	1991-2000	2001-2005
1º	Itália	106,86	114,04	123,52	136,91	178,58
2º	EUA	50,70	64,51	70,08	81,17	108,83
3º	França	102,99	114,02	129,90	170,46	209,00
4º	China	122,58	172,17	212,92	121,90	142,79
5º	Espanha	283,65	306,44	329,21	340,88	319,97
6º	Turquia	184,27	228,89	213,39	215,17	258,16
7º	Irã	158,65	186,58	161,71	171,34	171,75
8º	Argentina	77,42	99,10	112,25	122,39	150,16
9º	Chile	100,75	111,77	131,79	116,00	157,26
10º	Austrália	60,56	87,62	81,25	98,98	145,42
11º	África do Sul	86,83	120,01	93,53	104,42	129,79
12º	Egito	73,71	86,27	97,57	89,90	99,37
13º	Brasil	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
14º	Grécia	118,06	134,27	127,82	142,36	176,22
15º	Índia	46,08	55,32	60,95	67,01	80,94
16º	Alemanha	65,61	77,20	82,45	98,89	139,71
17º	Portugal	119,12	193,43	272,52	395,09	388,93
18º	Hungria	258,92	232,95	245,89	216,05	235,10
19º	Usbequistão	S.I.	S.I.	S.I.	298,56	328,19
20º	Moldávia	S.I.	S.I.	S.I.	391,78	419,26
...	Média Mundial	98,47	125,65	142,09	179,57	220,27

A expansão da produção brasileira a partir dos anos 1990 refletiu também a expansão do cultivo da uva no Vale do São Francisco, no semi-árido nordestino, que apresenta produtividade até três vezes maior do que as antigas áreas dedicadas a essa lavoura nas Regiões Sul e Sudeste do país e até cinco vezes superior à média mundial. Nesse período, verificou-se tendência de perda de participação das Regiões Sul e Sudeste na produção nacional e de aumento de importância do Nordeste, que ampliou sua participação de 4% em 1990 para 21% em 2005. A mudança de posições foi mais evidente entre 1990 e 1996, quando a participação da Região Sul caiu de 80% para 60%. A partir da segunda metade dos anos 1990, porém, a participação sulista manteve-se praticamente estagnada em função do aumento da produção decorrente da ampliação da área colhida. A Região Sudeste apresentou ganhos de participação entre 1990 e 1997, para a partir daí entrar em tendência de estagnação e lento declínio (ver Gráficos 29 e 30).

O desempenho nordestino se destaca pelo elevado rendimento que essa lavoura apresenta na região. Em 2005, por exemplo, com apenas 11,9% da área colhida de uva no país, o Nordeste respondeu por 21,32% da produção nacional e 33,75% do valor da



produção. Tal *performance* proporcionou um rendimento médio no Nordeste de R\$ 58 mil por hectare, cerca de três vezes maior do que o rendimento médio brasileiro e do Sudeste e quatro vezes superior ao rendimento médio da Região Sul (ver Tabela 2).

Os seis estados brasileiros que respondem por uma participação média de 98% da produção nacional de uva e da respectiva área colhida desde o início dos anos 1990 apresentam produtividade média acima da média mundial, com destaque para o rendimento alcançado em Pernambuco e na Bahia de 30,96 t/ha e 29,69 t/ha, respectivamente. No município pernambucano de Petrolina, o rendimento chegou a atingir entre 36 t/ha e 40 t/ha (ver Tabela 3).

Tabela 2

Brasil. Produção, Área Colhida e Rendimento na Cultura da Uva por Grandes Regiões – 2005

PAÍS/REGIÃO	PRODUÇÃO (Mil t)	%	ÁREA COLHIDA (Mil ha)	%	RENDIMENTO	
					t/ha	Mil R\$/ha
Brasil	1.232,56	100,00	73,20	100,00	16,84	20,47
Sul	759,09	61,59	52,28	71,41	14,52	13,50
Nordeste	262,78	21,32	8,71	11,90	30,16	58,06
Sudeste	205,55	16,68	11,87	16,22	17,31	23,50
Centro-Oeste	4,84	0,39	0,31	0,43	15,47	25,22
Norte	0,30	0,02	0,03	0,04	11,11	12,70

Fonte: Pesquisa Agrícola Municipal, IBGE.

Tabela 3

Brasil. Produção, Área Colhida e Rendimento na Cultura da Uva por Estados – 2005

UF/PAÍS	PRODUÇÃO (t)	%	ÁREA COLHIDA (ha)	%	RENDIMENTO	
					t/ha	Mil R\$/ha
Rio Grande do Sul	611.868	49,64	42.450	57,99	14,41	13,65
São Paulo	190.660	15,47	10.906	14,90	17,48	22,69
Pernambuco	150.827	12,24	4.872	6,66	30,96	64,75
Bahia	109.408	8,88	3.685	5,03	29,69	50,40
Paraná	99.253	8,05	5.603	7,65	17,71	16,46
Santa Catarina	47.971	3,89	4.224	5,77	11,36	8,09
Subtotal	1.209.987	98,17	71.740	98,00	16,87	20,27
País	1.232.564	100,00	73.203	100,00	16,84	20,47

Fonte: Pesquisa Agrícola Municipal, IBGE.

Vale destacar também o desempenho de outros dois estados que ainda não fazem parte do grupo dos grandes produtores de uva do país, mas apresentaram produtividade elevada nos últimos anos. Em 2005, os estados de Goiás e do Ceará apresentaram rendimentos de, respectivamente, 31,48 t/ha e 30,02 t/ha. No entanto, esses rendimentos ainda foram alcançados em áreas muito pequenas, de 64 e 61 hectares, e a produção situou-se em patamares modestos de 2 mil toneladas e 1,83 mil toneladas.

Estratégia de Desenvolvimento para a Cultura de Uva e de Vinho no Brasil

Nas últimas décadas, os grandes produtores europeus de uva e de vinho intensificaram os esforços para aumentar os ganhos de competitividade por meio da redução da área colhida e da busca pelo aumento da produtividade. No entanto, tais *performances* ficaram bem aquém do rendimento médio mundial e dos países que apresentam alto desempenho na cultura de uva, como o Brasil. Observa-se, assim, que existe uma grande oportunidade para o país

na cultura de uva que poderia ser transferida para os demais produtos da cadeia produtiva, tais como sucos, passas, vinagre e especialmente o vinho.

No Brasil, as oportunidades são grandes para os dois principais *clusters* do país, o da Serra Gaúcha, pioneiro na produção de uva e vinho no país, e o mais recente, do Vale do São Francisco, no semi-árido da Região Nordeste. O *cluster* nordestino apresenta um grande potencial de expansão em função das excelentes condições edafoclimáticas para o cultivo da uva, que garantem rendimentos até cinco vezes maiores do que a média mundial. Esse *cluster* é formado pelos municípios de Petrolina, Lagoa Grande e Santa Maria da Boa Vista, em Pernambuco, e de Juazeiro, Casa Nova e Curaçá, na Bahia. A região responde por mais de 90% da produção de uva de mesa do país e já conta com oito vinícolas em operação, entre as quais estão Bianchetti, Botticelli, Garziera, Miolo e ViniBrasil.

A ViniBrasil, por exemplo, é fruto de uma associação entre a importadora brasileira de vinhos Expand, com cerca de trinta anos de experiência no setor, e o grupo Dão Sul, um dos principais grupos vinícolas de Portugal, com unidades nas principais regiões viníferas portuguesas, como Douro, Dão, Alentejo, Extremadura e Bairrada. Essa vinícola vem se destacando nos últimos anos pela excelente qualidade dos vinhos que produz e tem alcançado elevadas pontuações em concursos nacionais e internacionais e nas classificações das principais revistas especializadas em vinho do mundo, como a *Wine Spectator* e a *Decanter*. O vinho Rio Sol, por exemplo, tinto fino seco de 2005, produzido com uvas Cabernet Sauvignon e Syrah, obteve 83 pontos na classificação da *Wine Spectator*. Esse desempenho confirmou, assim, o elevado potencial da produção da uva e do vinho no semi-árido nordestino [ver www.sitedovinhobrasil.com.br e revista *Forbes*, outubro de 2005].

As vantagens do novo *cluster* se baseiam na qualidade das terras e do clima, que proporciona a produção de uvas viníferas de excelente nível e com elevada produtividade agrícola. Assim, esse *cluster* apresenta-se como excelente alternativa para as vinícolas que desejam expandir seus negócios no Brasil, tendo como estratégia a implantação de novos projetos integrados, com produção agrícola de alta produtividade e unidades agroindustriais modernas.

Nesse sentido, a experiência norte-americana de rápido crescimento da área colhida nos anos 1970 e 1990 e a formação do *cluster* da uva e do vinho da Califórnia deveriam servir de referência para o estabelecimento de um programa voltado para o desenvolvimento do *cluster* da uva e do vinho no Vale do São Francisco. O *cluster* da Califórnia é reconhecido pelo alto padrão alcançado e responde por mais de 90% da produção de uva e de vinho dos Estados Unidos, país que é o segundo produtor mundial de uva e o

quarto de vinho. O impacto do *cluster* do vinho na economia estadual é estimado em US\$ 45,4 bilhões por ano, equivalente ao PIB da Bahia. Em 2004, encontravam-se em operação 1.368 vinícolas e 4.805 cultivadores de uva, que proporcionavam a geração de 207.550 empregos permanentes, pagando US\$ 7,6 bilhões a título de salários. A produção de vinho alcançou 3,12 bilhões de garrafas (750 ml) e a venda atingiu US\$ 15,2 bilhões; entre 1998 e 2002, a taxa de crescimento médio das vendas de vinho alcançou 5,4% ao ano.

Na área de educação, informação e conhecimento, o *cluster* californiano conta com mais de dez centros universitários, citados entre os melhores do país em sua área de influência, além de apresentar centros de pesquisa especializados na uva e no vinho. O *cluster* apresentou ainda impactos importantes na atividade do turismo, pois o enoturismo na Califórnia atraiu 14,8 milhões de pessoas para visitarem os vinhedos e vinícolas do estado, gerando uma receita de US\$ 1,3 bilhão. Além disso, prestou uma grande contribuição para o aumento da arrecadação pública: o pagamento de impostos totalizou US\$ 5,6 bilhões, dos quais US\$ 1,9 bilhão foram para o governo estadual. No mesmo ano de 2004, as contribuições sociais atingiram US\$ 73 milhões [ver www.wineinstitute.org].

Por outro lado, o pólo brasileiro de maior competitividade na produção de uva e de frutas tropicais em geral ainda se defronta com grandes obstáculos para alcançar um desenvolvimento mais rápido. O *cluster* nordestino, por exemplo, ao contrário do californiano, não conta com um instituto que sistematize as informações sobre suas potencialidades e seu desempenho, que reivindique melhores condições para operação em todos os elos da cadeia produtiva da uva e do vinho e que seja capaz de construir uma estratégia de sucesso para o desenvolvimento do *cluster* e para melhorar a projeção de seus vinhos nos mercados mais exigentes do país e do mundo. Além disso, os produtores do Vale do São Francisco ainda precisam superar gargalos no setor de transporte que dificultam o desenvolvimento mais rápido e em bases competitivas.

O atual projeto da ferrovia Transnordestina, por exemplo, não contempla a construção do trecho ligando as cidades de Petrolina e Salgueiro, em Pernambuco, para daí escoar a produção pelas duas linhas-tronco, a primeira até o Porto de Suape, no litoral pernambucano, e a segunda, que liga Salgueiro, em Pernambuco, a Missão Velha, no Ceará, e daí segue até o Porto de Pecém, no litoral cearense. Deve-se lembrar também que a partir de Salgueiro a ferrovia segue até a cidade de Eliseu Martins, no Piauí, atendendo, assim, à demanda dos pólos de gesso na região do Araripe, em Pernambuco, e de soja nos cerrados do Piauí. A construção dessa ferrovia proporcionará um aumento significativo da competitividade sistêmica do pólo econômico de Petrolina–Juazeiro, às margens do rio São Francisco, pois irá melhorar as condições de acesso de um dos pólos mais competitivos do mundo na produção de frutas e

derivados aos principais centros de consumo da região, do país e do mundo.

Além disso, poderia ser observada também a oportunidade de construir uma ferrovia já adequada ao transporte de passageiros em trens de alta velocidade, tendo-se em vista a demanda atual e potencial. Por exemplo, trens como o Talgo espanhol, Talgo Pendular TP200, que correm a uma velocidade de 200 km/hora em ferrovias convencionais, poderia correr na ferrovia Transnordestina e permitir melhores condições para o transporte de passageiros no interior da região [ver www.talgo.com]. Uma viagem entre Recife e Petrolina, por exemplo, poderia ser feita em cerca de quatro horas, proporcionando, assim, uma posição mais competitiva do interior da região como um destino turístico nacional, focado nas manifestações culturais, no rio São Francisco, na fruticultura e no nascente pólo de enoturismo.

O programa para desenvolvimento do setor de uva e de vinho no Brasil poderia ter por meta multiplicar por dez a atual área colhida, o que situaria o país entre os cinco maiores produtores mundiais em um período de cinco anos. Caso fossem mantidas as atuais áreas em produção nas demais regiões e se fossem incorporados 334 mil hectares novos no Nordeste, em terras com rendimento médio de 30,16 t/ha, a produção brasileira seria incrementada em 10 milhões de toneladas, o que em menos de uma década habilitaria o país a disputar a liderança mundial na cultura da uva, tal como já acontece em outras culturas agrícolas.

Basta lembrar que a Itália, o maior produtor mundial de uva, respondeu por uma produção de 8,5 milhões de toneladas em 2005, com uma produtividade média de 10,21 t/ha. O valor da produção brasileira seria incrementado em pelo menos US\$ 9,96 bilhões, portanto 717% maior do que o valor da produção nacional de 2005, de US\$ 1,219 bilhão, tomando-se como referência o preço médio da uva, de US\$ 989/t. Caso consideremos que pelo menos metade dessa produção seria para produção de vinho, o valor da produção setorial seria muito maior, tendo-se em vista que o preço médio do vinho nos últimos anos alcançou US\$ 2.706/t. Além disso, esse programa proporcionaria a criação de 668 mil empregos diretos e 1,335 milhão de empregos indiretos, totalizando 2 milhões de novos empregos, considerando-se a média em projetos de agricultura irrigada no Vale do São Francisco de dois empregos diretos por hectare e quatro empregos indiretos. Enfim, essa iniciativa contribuiria para solucionar mais rapidamente os problemas sociais da região e do país.

De acordo com as estimativas de custos para implantação de perímetros irrigados da Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (Codevasf), o custo estimado para implantar os 334 mil hectares irrigados alcançaria US\$ 2,153

bilhões, no caso de a distribuição dos lotes seguir o padrão de 50% para lotes empresariais e 50% para lotes familiares (custo por hectare de US\$ 6.450) ou US\$ 1,569 bilhão, caso os lotes sejam destinados apenas para projetos empresariais, com o custo por hectare caindo para US\$ 4.700.

A implantação de uma política de desenvolvimento acelerado desse setor permitiria ao país ocupar uma posição melhor entre os grandes *players* mundiais, como Itália, França, Espanha, Estados Unidos e China. Tais países têm produtividade menor do que a brasileira e apresentam forte dependência dos subsídios à produção. Por exemplo, os subsídios aos produtores rurais autorizados pela OMC atingem US\$ 19 bilhões nos Estados Unidos e US\$ 67 bilhões na União Européia [ver www.wto.com].

Por outro lado, os países em desenvolvimento como o Brasil também poderiam se beneficiar dos subsídios agrícolas, à medida que fossem capazes de ampliar o processo de internacionalização de suas empresas agrícolas, implantando unidades na União Européia (EU) e nos Estados Unidos, e de atrair empresas européias e norte-americanas para produzirem em seus territórios. Esse é um cenário factível, haja vista que, com as grandes transformações por que vem passando o agronegócio mundial, é possível perceber como gradativamente tais subsídios agrícolas poderão beneficiar o agronegócio também nos países em desenvolvimento, como o Brasil. O exemplo mais simples é dado pelo processo de formação das empresas transnacionais no agronegócio brasileiro, que passaram a contar com unidades de produção e centros de distribuição em escala global e se beneficiaram de subsídios oferecidos nos países em que atuam. É o caso das empresas dos complexos de soja e carnes e de biocombustíveis como o etanol. Porém, novos caminhos poderiam ser criados à medida que fossem estabelecidas novas linhas de financiamento na Europa e nos Estados Unidos para os produtores agrícolas realizarem fusões e aquisições e internacionalizarem suas atividades.

Vale lembrar que a produção de alimentos mantém forte relação com o princípio de segurança alimentar, o que justifica o interesse de todo país em garantir uma oferta mínima permanente e estoques reguladores no próprio território nacional. Cabe aos produtores competitivos reinventar uma estrutura de produção e distribuição global que garanta a segurança no abastecimento dos grandes mercados mundiais. Assim, seria estratégico fortalecer o processo de internacionalização das empresas agrícolas dos países centrais, com destaque para a realização de parcerias com as empresas dos países em desenvolvimento. Os subsídios agrícolas poderiam ser direcionados para o desenvolvimento de projetos agropecuários na América Latina, na África ou na Ásia.

Também poderiam ser articuladas iniciativas entre os bancos de desenvolvimento dos países desenvolvidos e em desenvolvimento para apoiar a internacionalização das empresas agrícolas. Por exemplo, poderia ser realizado um convênio entre o BNDES, no Brasil, e o Banco Europeu de Investimento (BEI) para criação de uma linha de financiamento para internacionalização de empresas, com o objetivo de ampliar a atuação dessa instituição fora da União Européia de forma estratégica. Em 2005, a distribuição dos empréstimos do BEI por área geográfica mostrou que 9% dos desembolsos foram para países fora da UE, a saber: Europa do sudeste (2,1%), países parceiros do Mediterrâneo (4,5%), países ACP (África, Caribe e Pacífico) e PTU (territórios ultramarinos) e África do Sul (1,4%), América Latina e Ásia (1%) e UE (91%) [ver BEI, Relatório Anual de 2005].

Os financiamentos do BEI concentram-se em cinco áreas-chave: coesão econômica e social, inovação, meio ambiente, desenvolvimento das redes transeuropeias e apoio às políticas comunitárias de cooperação e de ajuda ao desenvolvimento. Em 2005, os recursos para coesão econômica e social na UE, ou seja, para projetos que contribuem para a redução das desigualdades de renda, pessoais e espaciais, foram aumentados para € 34,000 bilhões, ou seja, 72% das liberações totais. Os bancos parceiros receberam € 6,000 bilhões para financiar pequenas e médias empresas (PME) e investimentos públicos de pequeno porte; e os desembolsos para projetos voltados para promoção do desenvolvimento regional atingiram € 4,000 bilhões, 80% dos quais foram para projetos nos estados-membros (UE-25).

Em 2005, os empréstimos do BEI somaram € 47,400 bilhões, 9,72% a mais do que em 2004. Os financiamentos nos estados-membros atingiram € 42,300 bilhões, dos quais € 5,800 bilhões foram para dez novos países. Para os países de fora da União Européia, o BEI liberou € 5,100 bilhões, sendo que € 2,000 bilhões foram para dois países em processo de adesão (Bulgária e Romênia) e dois candidatos a adesão (Croácia e Turquia). Nesse mesmo ano, o BEI captou um montante total de € 49,800 bilhões no mercado de capitais internacional, por meio de 330 emissões, e os financiamentos totais alcançaram € 294,200 bilhões. O Fundo Europeu de Investimento (FEI), filial do BEI, especializado em capital de risco e garantias, investiu € 368 milhões em fundos de capital de risco, elevando sua carteira para € 3,100 bilhões, e prestou garantias para operações de PMEs nas instituições financeiras credenciadas no valor de € 1,700 bilhão [ver BEI, Relatório Anual de 2005].

Destino da Produção Mundial de Uva: Prensagem, Consumo Direto e Secagem

De acordo com o boletim de estatística do Office International de la Vigne et du Vin (OIV), o destino da produção mundial de uva apresentou a seguinte distribuição em 2004: 84,30% da uva foi prensada, 11,95% foi para consumo direto e 3,75% foi para secagem. Ou seja, a maior parte foi destinada para produção de derivados, como suco e vinho. Esses números expressam a média mundial, mas há diferenças substanciais entre os grandes produtores mundiais. Por exemplo, a Itália, maior produtor mundial de uva, apresentou distribuição próxima da média mundial, com 86,99% da uva prensada, 13,01% para consumo direto. Já na França e na Espanha, a concentração da produção de uva na prensagem foi bem maior, de 97,22% e 95,48%, respectivamente, enquanto a uva destinada ao consumo direto respondeu por 2,78% e 4,47% da produção nacional. Portugal, Hungria, Argentina e Austrália apresentaram percentuais parecidos aos desses dois países: a prensagem respondeu, respectivamente, por 95,16%, 95,68%, 96,44% e 95,13%, enquanto o consumo direto respondeu por apenas 4,84%, 4,32%, 1,67% e 4,87% (ver Tabela 4).

Os Estados Unidos, o Chile e o Brasil constituíram um terceiro subgrupo, que apresentou uma distribuição mais equilibrada entre as duas principais destinações. A prensagem respondeu por 59,13%, 48,16% e 49,58% e o consumo direto, por 20,59%, 39,61% e 50,24%. Vale destacar que o consumo direto foi mais importante no Chile e no Brasil e que a secagem alcançou maior importância nos Estados Unidos e no Chile (respondendo por 20,28% e 12,23% da produção de uva), enquanto no Brasil a secagem não alcançou maior significação. Os outros países que tiveram o consumo direto como principal destino foram Azerbaijão (55,98%), Tunísia (62,9%) e Marrocos (82,1%), como se pode ver na Tabela 4.

Tal distribuição mostra a vulnerabilidade de países como o Brasil, que apresentam elevada concentração da produção no consumo direto como destino principal, tendo-se em vista a baixa agregação de valor e os preços menores no mercado internacional, ao contrário do que acontece com o segmento de vinho, que tem preços médios três vezes maiores do que o segmento de uvas frescas.

Além disso, a valorização cambial dos últimos anos constitui um obstáculo adicional para o desenvolvimento mais rápido do setor no Brasil, pois a variação do preço das uvas frescas exportadas nos últimos oito anos (1999-2007) está defasada em relação às variações acumuladas dos índices de preços no mercado interno, que refletem os aumentos de custos de produção e da taxa de câmbio (R\$/US\$), como mostra a Tabela 5.

Entre 1999 e 2003, observou-se o melhor período para os produtores de uva. Nessa fase, o setor conviveu com aumentos dos preços e com a desvalorização cambial e, portanto, experimentou melhores condições para elevar os ganhos de rentabilidade.

Tabela 4

Mundo. Distribuição da Produção de Uva Segundo o Principal Destino por País – 2004

(Em %)

CONTINENTE	PAÍS	DESTINO			Total
		Prensagem	Consumo Direto	Secagem	
Europa	Alemanha	76,90	23,10	0,00	100,00
	Áustria	81,94	18,06	0,00	100,00
	Espanha	95,48	4,47	0,05	100,00
	França	97,22	2,78	0,00	100,00
	Itália	86,99	13,01	0,00	100,00
	Portugal	95,16	4,84	0,00	100,00
	Croácia	78,43	21,57	0,00	100,00
	Hungria	95,68	4,32	0,00	100,00
	Suíça	74,26	25,74	0,00	100,00
	República Tcheca	70,53	29,47	0,00	100,00
	Romênia	82,79	17,21	0,00	100,00
	Azerbaijão	44,02	55,98	0,00	100,00
	Moldávia	88,79	11,21	0,00	100,00
África	África do Sul	75,47	15,44	9,09	100,00
	Marrocos	17,76	82,05	0,19	100,00
	Tunísia	36,36	62,94	0,70	100,00
América do Sul	Argentina	96,44	1,67	1,89	100,00
	Brasil	49,58	50,42	0,00	100,00
	Chile	48,16	39,61	12,23	100,00
	Uruguai	98,13	1,87	0,00	100,00
América do Norte	Estados Unidos	59,13	20,59	20,28	100,00
Ásia	Chipre	78,13	21,77	0,11	100,00
Oceania	Austrália	95,13	4,87	0,00	100,00
Média Mundial	...	84,30	11,95	3,75	100,00

Fonte: *Office International de la Vigne et du Vin (OIV)*.

No entanto, a situação se deteriorou entre 2003 e 2007. Embora o setor tenha continuado a conviver com preços em tendência de alta, o ritmo de crescimento foi desacelerado em relação ao período 1999-2003 – ficou abaixo até da variação dos preços internos e foi quase duas vezes menor do que a valorização cambial do período. Dessa forma, o agronegócio da uva sofreu forte pressão negativa sobre a rentabilidade, decorrente da perda de lucratividade das exportações de uvas frescas.

No período de 1999 a 2007, o aumento acumulado do preço da uva, de 66,67%, foi inferior à variação acumulada de todos os índices de inflação considerados no mesmo período. Por exemplo, o aumento do preço da uva foi três vezes inferior à variação do IPA, que reflete mais diretamente os custos de produção. Portanto, o aumento dos preços das uvas não foi suficiente para compensar os aumentos de custos internos. Além disso, embora o câmbio no

Tabela 5

Brasil. Variação Acumulada do Preço das Uvas Frescas Exportadas, dos Índices de Preços no Mercado Interno e da Taxa de Câmbio (R\$/US\$) – 1999-2007

(Em %)

PERÍODO	PREÇO FOB US\$/KG	IGP-DI ¹	IPA-DI ²	INCC ³	IPC-BR ⁴	IGP-M ⁵	IPC-FIPE ⁶	IPCA ⁷	INPC ⁸	TAXA DE CÂMBIO (R\$/US\$)
1999-2003	40,35	97,97	132,52	65,28	52,87	98,56	44,43	52,89	58,22	63,13
2003-2007	18,75	28,14	25,84	42,56	27,06	29,96	23,54	30,14	28,57	-32,81
1999-2007	66,67	135,61	175,37	105,92	78,31	137,37	64,96	82,04	84,29	9,61

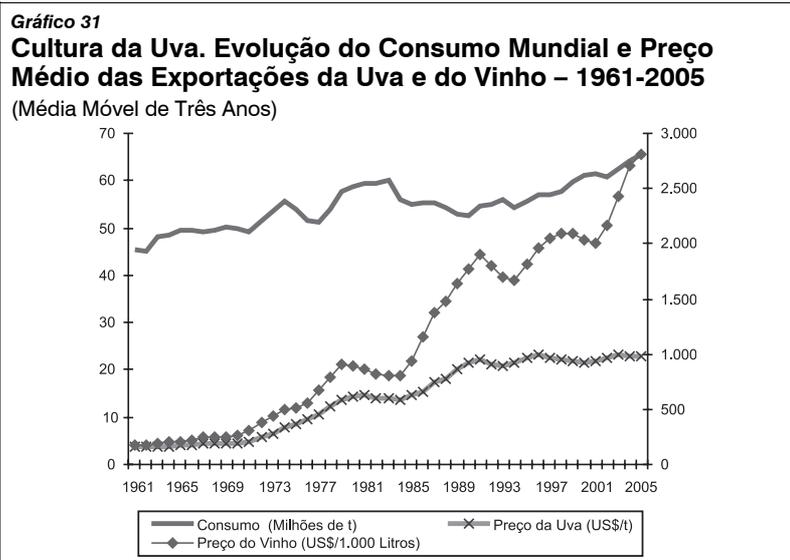
Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) e Boletim do Banco Central, 2000-2007. Nota: ¹ Índice Geral de Preços – Disponibilidade Interna. ² Índice de Preços por Atacado – Disponibilidade Interna. ³ Índice Nacional de Custo da Construção. ⁴ Índice de Preços ao Consumidor – Brasil. ⁵ Índice Geral de Preços do Mercado. ⁶ Índice de Preços ao Consumidor – Fipe. ⁷ Índice de Preços ao Consumidor Amplo. ⁸ Índice Nacional de Preços ao Consumidor.

início de 2007 ainda mostrasse uma desvalorização nominal de 9,61% em relação a 1999, esse percentual era muito inferior às variações dos índices de inflação do país no mesmo período, já que a variação acumulada mínima foi de 64,96% e a máxima, de 175,37% (ver Tabela 5).

Evolução do Consumo Total e Per Capita de Uva nas Últimas Décadas

Entre 1961 e 2004, o consumo mundial de uva para todos os fins (consumo direto, prensagem e secagem) aumentou 62%, passando de 40,46 milhões de toneladas para 65,49 milhões de toneladas, com um incremento médio de 0,89% ao ano. Esse longo período de observação do consumo da uva pode ser subdividido em cinco grandes fases: na primeira, com duração de 14 anos, de 1961 a 1974, o crescimento médio atingiu 1,60% ao ano e o consumo mundial subiu de 40,36 milhões de toneladas para 55,52 milhões de toneladas; na segunda, entre 1975 e 1977, marcada por declínio, o incremento médio caiu para -0,59% ao ano e o consumo médio atingiu 51,62 milhões de toneladas; na terceira, entre 1979 e 1983, com nova tendência de alta, o incremento médio subiu para 2,19% ao ano e o consumo saltou de 54,05 milhões de toneladas para 60,17 milhões de toneladas; na quarta, de 1984 a 1994, com duração de 11 anos, a tendência foi de estagnação e lento declínio: o consumo médio atingiu 54,75 milhões de toneladas e o incremento médio caiu para -0,61% ao ano; e, por fim, na quinta fase, entre 1995 e 2004 (último ano com dados disponíveis), a tendência voltou a ser de crescimento: o consumo médio saltou de 55,63 milhões de toneladas para 65,70 milhões de toneladas, ou seja, um crescimento médio de 1,69% ao ano (ver Gráfico 31).

De acordo com o ajustamento feito entre consumo mundial de uva, preços da uva e do vinho, população mundial, taxa de crescimento do PIB dos países membros da OECD e uma variável *dummy* refletindo a qualidade da produção da uva e do vinho,



decorrente dos efeitos dos anos de climas mais favoráveis à produção de boas safras, foi possível observar que o consumo de uva foi influenciado pelo comportamento dos preços da uva e do vinho e pelo tamanho da população mundial, considerada aqui como uma *proxy* da renda. Confirmou-se, assim, a relevância das variações do preço e da renda sobre o consumo mundial de uva. Ao longo do período observado, o aumento do preço da uva inibiu o aumento do consumo de uva, enquanto a elevação do preço do vinho gerou um estímulo positivo para a produção e o consumo. No entanto, os efeitos negativos decorrentes dos aumentos do preço da uva foram compensados em parte pelos efeitos positivos decorrentes dos aumentos da renda (Gráfico 31 e Quadro 1).

A relação negativa observada entre o consumo mundial de uva e a taxa de crescimento das economias dos países da OECD

Quadro 1
Fatores Determinantes do Consumo Mundial de Uva

Regressão	$Y = 27,67 - 0,008X_1 + 1,28X_2 + 0,004X_3 - 0,29X_4 + 0,91X_5$ R^2 0,41 F 5,19				
T	0,85	0,28	1,66	0,61	1,02
Testes	Durbin-Watson 1,85221 White 14,83766				
Y	Consumo mundial de uva				
X ₁	Preço médio das exportações de uva				
X ₂	Preço médio das exportações de vinho				
X ₃	População mundial				
X ₄	Taxa de crescimento do PIB dos países membros da OECD				
X ₅	Qualidade da safra: variável <i>dummy</i> refletindo a qualidade da produção da uva e do vinho decorrente dos efeitos dos anos de climas mais favoráveis para produção de safras de qualidade superior				

Nota: Ver resumo dos resultados no Anexo.

pode ser explicada pela própria conjuntura econômica do período na maioria desses países, haja vista que entre eles estão os maiores consumidores de uva e vinho que conviveram com baixo crescimento, taxas elevadas de desemprego e mudanças de hábitos alimentares, decorrentes em alguns casos do declínio da renda pessoal e do avanço dos *fast foods*, responsáveis pelo declínio do consumo *per capita* de vinho. No entanto, essa relação poderá se inverter nas próximas décadas, tendo-se em vista que no mesmo período de análise foi observada a expansão do consumo *per capita* de vinho em países que apresentam consumo *per capita* baixo e constituem grandes mercados potenciais em fase de expansão, tais como Estados Unidos, Reino Unido e Japão (ver Quadro 1).

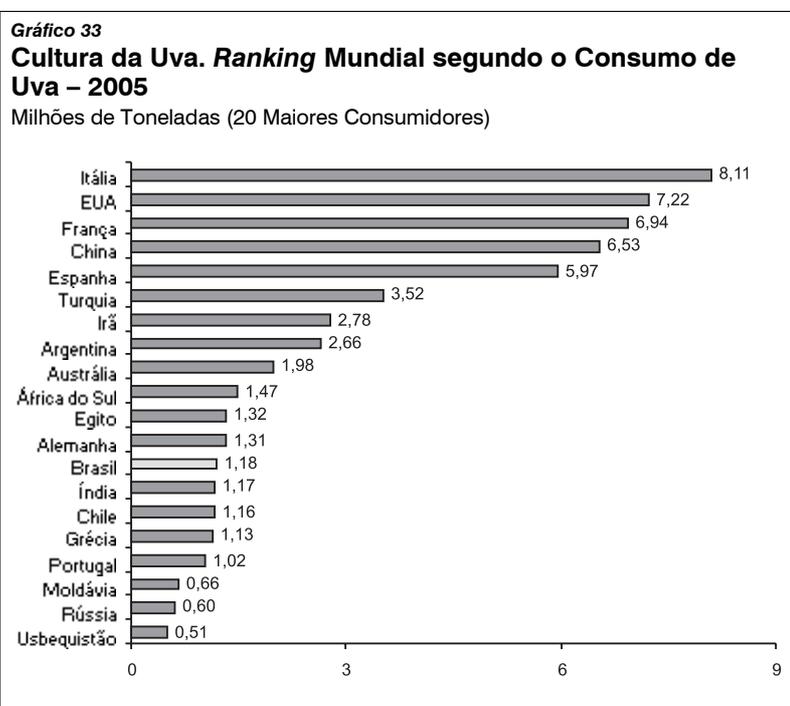
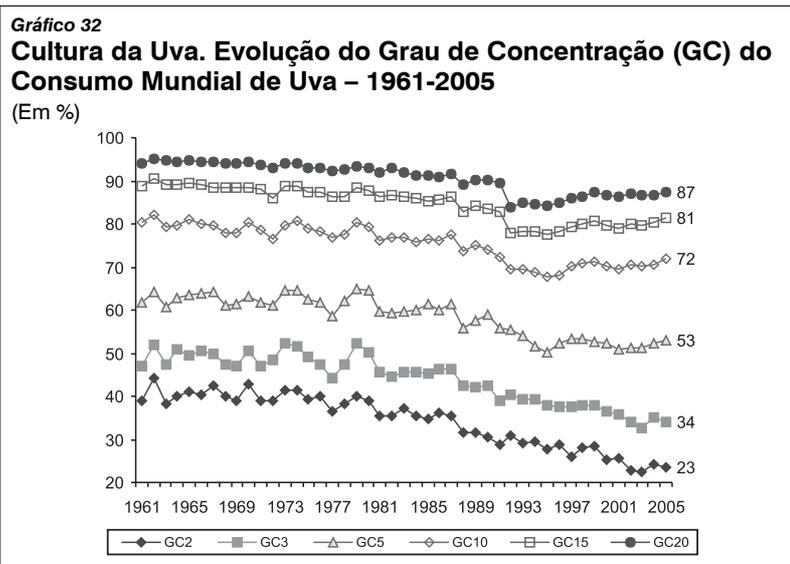
Por fim, a relação positiva entre o consumo mundial de uva e a qualidade da safra confirmou a importância dos efeitos dos anos de climas mais favoráveis para produção de safras de qualidade superior e seu efeito sobre o consumo mundial de uva (ver Quadro 1).

No que se relaciona ao grau de concentração do consumo mundial de uva, considerando-se todos os destinos da produção mundial, foi observado declínio para todos os grupos de países analisados – de 2, 3, 5, 10, 15 e 20 maiores consumidores. Tal *performance* mostrou a consolidação de uma tendência para desconcentração do consumo mundial de uva. O maior declínio foi observado nos grupos de dois e três maiores consumidores – o GC2 e o GC3 passaram de 39% e 47% em 1961 para 23% e 34% em 2005, um declínio de 16 e 13 pontos percentuais, respectivamente. Nos outros subgrupos, o declínio foi menor e o grau de concentração se manteve ainda em patamares muito elevados. O GC5, por exemplo, caiu de 62% para 53% e os outros graus de concentração – GC10, GC15 e GC20 – caíram de 80%, 89% e 94% para 72%, 81% e 87%, ou seja, reduções entre 9 e 7 pontos percentuais. Vale observar, porém, que os últimos quatro subgrupos voltaram a apresentar uma pequena concentração a partir da segunda metade dos anos 1990, enquanto os subgrupos GC2 e GC3 continuaram em tendência de declínio até 2003, observando-se ganho de participação apenas a partir de 2004 (Gráfico 32).

Os maiores produtores mundiais de uva são também os maiores consumidores. O *ranking* dos vinte maiores consumidores mundiais de uva de 2005, 89% da produção e 87% do consumo mundial de uva, mostrou uma coincidência de posições da 1ª até a 8ª colocação, na seguinte ordem: Itália, Estados Unidos, França, China, Espanha, Turquia, Irã e Argentina. Verificaram-se mudanças de posições apenas entre a 9ª e a 20ª colocações, a saber: o Chile, 9º maior produtor, foi apenas o 15º consumidor; a Austrália, o 10º maior produtor, foi o 9º consumidor; a África do Sul foi o 11º produtor e o 10º consumidor; o Egito foi o 12º produtor e o 11º consumidor; e o Brasil ficou na 13ª colocação em produção e consumo. As posições seguintes também apresentaram pequenas alterações,

destacando-se que a Hungria, 18º maior produtor, foi apenas o 23º colocado no *ranking* de consumo, enquanto a Rússia, 26º produtor, foi o 19º consumidor mundial de uva (ver Gráfico 33).

A evolução do consumo da uva nos vinte maiores consumidores mundiais entre 1961 e 2005 mostrou mesmo uma tendência para mudanças de posições que poderá se confirmar nos próximos anos, com a China assumindo a primeira posição no *ranking* mundial



e a Itália e os Estados Unidos caindo para a 2ª e a 3ª posições. Outra possível mudança de posição importante nos próximos anos deve-se ao rápido crescimento do consumo na Rússia, que poderia passar da 19ª para a 9ª posição no *ranking* mundial, à frente até de grandes consumidores como a Austrália (ver Gráficos 34 a 38 e Tabela 6).

O consumo *per capita* de uva, considerando-se todos os destinos, é consideravelmente mais elevado nos países da Europa, entre os quais se destacam, nas cinco primeiras posições, Espanha, Itália, Moldávia, França e Grécia. No entanto, também se destacaram entre os vinte maiores consumos *per capita* do mundo a Argentina e o Chile, na América do Sul, que ficaram, respectivamente, na 12ª

Gráfico 34
Evolução do Consumo de Uva dos 5 Maiores Consumidores Mundiais – 1961-2005
(Em Milhões de Toneladas)

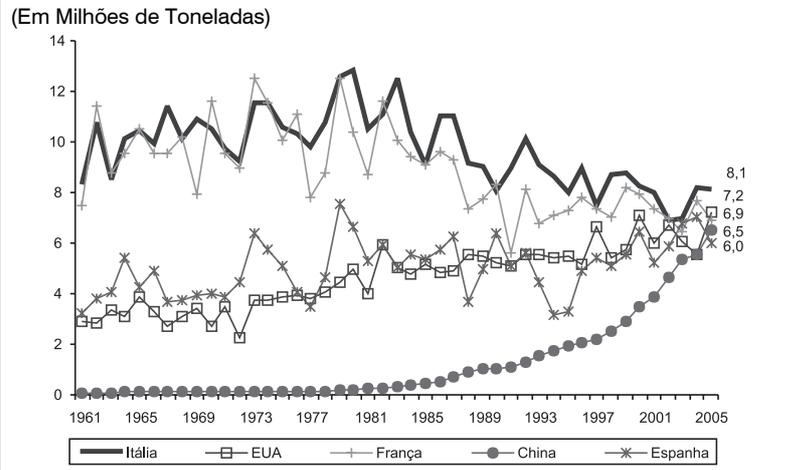
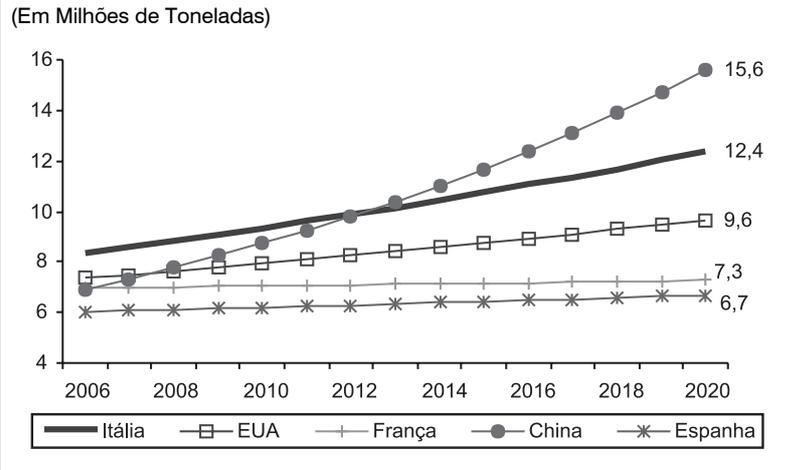
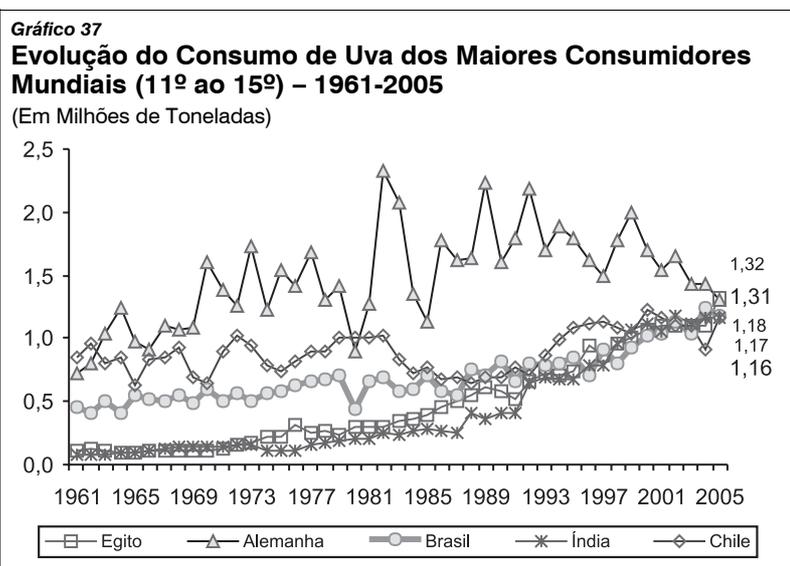
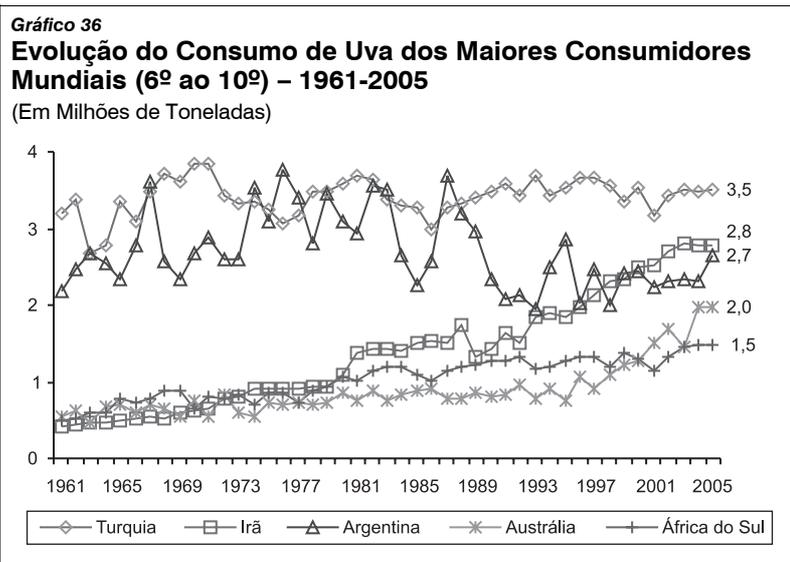


Gráfico 35
Consumo de Uva Estimado dos 5 Maiores Consumidores Mundiais – 2006-2020
(Em Milhões de Toneladas)





e na 13ª colocação, com um consumo *per capita* um pouco abaixo da metade do consumo dos três primeiros colocados, além da Austrália e da Nova Zelândia, na 19ª e na 20ª posições (ver Gráfico 39).

O Brasil ficou na 13ª colocação no *ranking* de 2004, com uma tendência de crescimento nos últimos 25 anos, em que o consumo *per capita* subiu de 10,09 gramas/habitante/dia em 1980 para 18,72 gramas/habitante/dia em 2004, um crescimento de 86%. Todavia, ainda assim, manteve-se em um patamar abaixo da média mundial de 26,5 gramas/habitante/dia (ver Gráfico 40).

Gráfico 38
Evolução do Consumo de Uva dos Maiores Consumidores Mundiais (16º ao 20º) – 1961-2005

(Em Milhões de Toneladas)

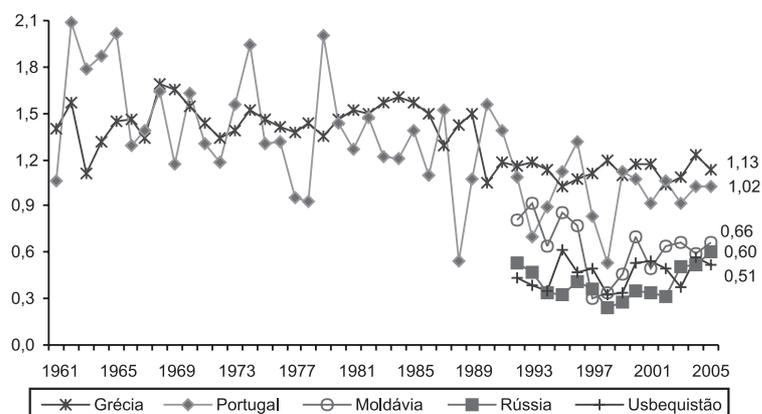
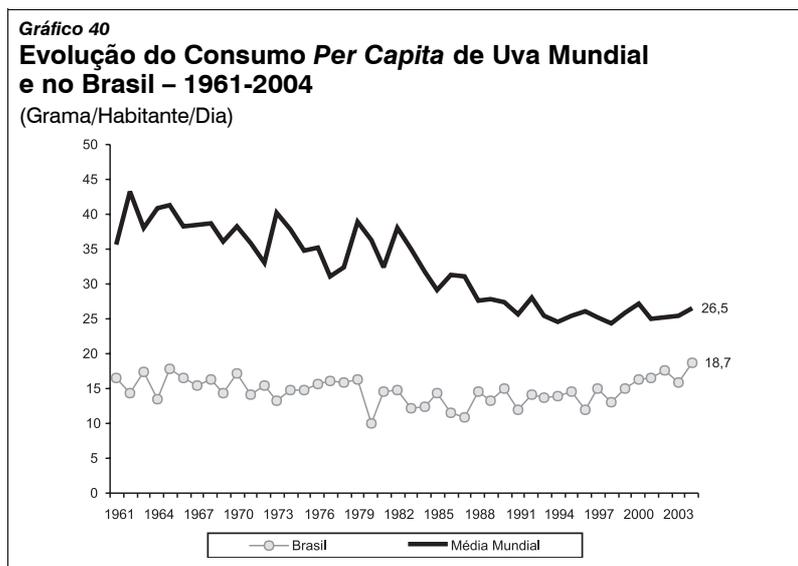
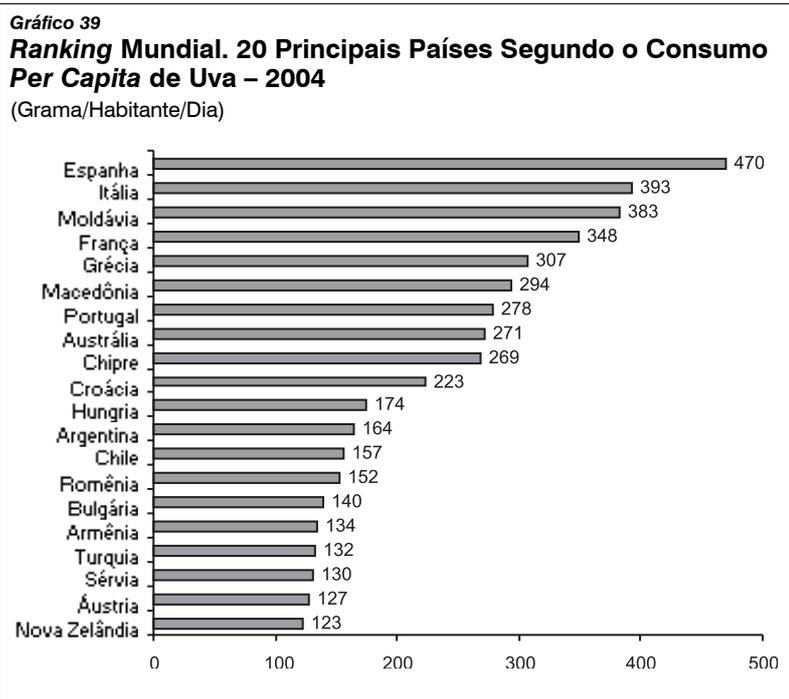


Tabela 6
Consumo Global de Uva em Países Seleccionados – 2005-2020
 (Em Milhões de Toneladas)

POSIÇÃO	PAÍS	2005	2010*	2015*	2020*
1º	Itália	8,11	9,33	10,74	12,37
2º	EUA	7,22	7,95	8,76	9,64
3º	França	6,94	7,05	7,16	7,27
4º	China	6,53	8,73	11,67	15,60
5º	Espanha	5,97	6,20	6,43	6,68
6º	Turquia	3,52	3,60	3,68	3,77
7º	Irã	2,78	2,85	2,91	2,98
8º	Argentina	2,66	2,99	3,37	3,80
9º	Austrália	1,98	2,35	2,80	3,34
10º	África do Sul	1,47	1,63	1,80	1,99
11º	Egito	1,32	1,56	1,85	2,18
12º	Alemanha	1,31	1,09	0,91	0,76
13º	Brasil	1,18	1,25	1,31	1,39
14º	Índia	1,17	1,16	1,15	1,14
15º	Chile	1,16	1,26	1,37	1,48
16º	Grécia	1,13	1,22	1,32	1,42
17º	Portugal	1,02	1,00	0,98	0,96
18º	Moldávia	0,66	0,70	0,73	0,77
19º	Rússia	0,60	1,10	2,01	3,68
20º	Usbequistão	0,51	0,60	0,69	0,80
...	Mundo	65,49	69,64	74,05	78,74

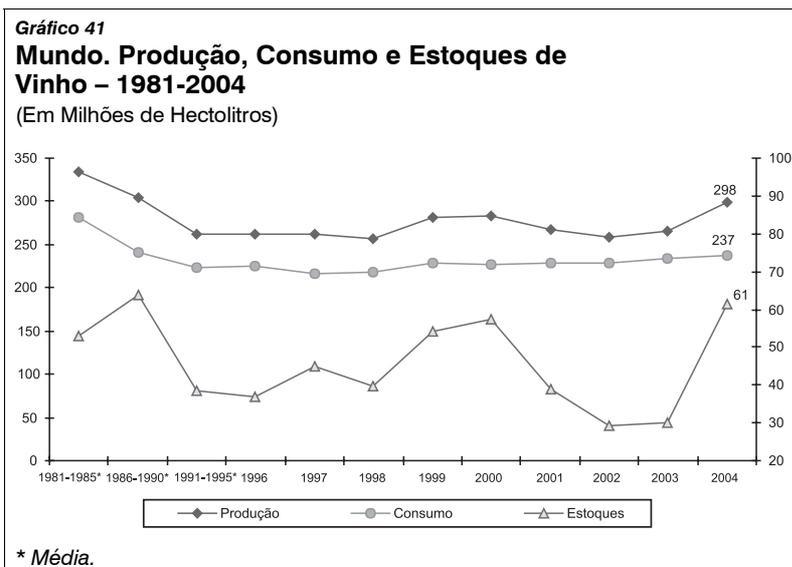
*Estimativa.



Evolução da Produção, Consumo e Estoques de Vinho: 1981-2004

Após uma década caracterizada por forte declínio da produção e do consumo de vinho mundial nos anos 1980, a tendência passou a ser de relativa estabilidade desde o início dos anos 1990. Entre 1981 e 1995, a tendência foi de declínio da produção e do consumo mundial de vinho, acompanhada por forte redução dos estoques, o que provocou pressões para elevação dos preços. Nesse período, o preço médio das exportações mundiais de vinho subiu 120%, saltando de US\$ 818/t para US\$ 1.799/t. Entre 1996 e 2000, a tendência passou a ser de estagnação tanto da produção quanto do consumo até 1998, verificando-se em seguida pequena recuperação em 1999 e 2000. Nessa fase, o preço médio das exportações mundiais de vinho ultrapassou US\$ 2 mil/t, alcançando o máximo de US\$ 2.187/t em 1999, um aumento de 22% em relação ao preço de 1995. Entre 2001 e 2004, verificou-se o declínio da produção por dois anos consecutivos, 2001 e 2002, seguido por dois anos de recuperação e alta em 2003 e 2004. Por outro lado, o consumo mundial de vinho manteve uma tendência caracterizada por relativa estabilidade e por lento crescimento. Tais desempenhos proporcionaram fortes quedas nos estoques entre 2001 e 2003, gerando pressões sobre os preços. Em 2004, a produção voltou a aumentar mais fortemente, enquanto o consumo ficou estagnado, o que provocou forte aumento dos estoques e, em consequência, ajudou a derrubar os preços. Nesse período, o preço médio do vinho, após atingir US\$ 2.512/t em 2003, caiu para US\$ 2.300/t em 2004 (ver Gráfico 41 e Tabela 4 do anexo).

A produção mundial de vinho encontra-se ainda muito concentrada em um grupo relativamente pequeno de países, embora tenha se verificado tendência de desconcentração nas últimas décadas. No entanto, esse processo ainda apresentou intensidade menor do que aquele observado na produção de uva. Entre 1981 e



1996, a tendência foi de concentração em todos os grupos de países observados – de dois até os vinte maiores produtores. A partir daí, porém, a tendência foi de lento processo de desconcentração da produção mundial de vinho, com uma pequena reconcentração em 2004 para a maioria dos subgrupos observados (ver Gráfico 42).

Em 2004, os cinco maiores produtores mundiais de vinho foram França, Itália, Espanha, Estados Unidos e Argentina, que responderam, em conjunto, por 63,5% da produção. Entre os países emergentes, destacaram-se a Austrália e a China, na 6ª e na 7ª colocações, a África do Sul, na 9ª posição, o Chile, na 11ª posição, e o Brasil, que ficou na 16ª colocação. Os cinco maiores produtores mundiais de vinho são também os maiores produtores de uva, uma prova de que o ingresso na produção de vinho baseia-se em uma posição competitiva na produção agrícola de uva, não apenas em termos de rendimentos físicos da lavoura, mas especialmente da qualidade na produção das uvas. Observa-se, assim, a importância da produção integrada para garantir uma posição competitiva no setor (ver Gráfico 43).

Por outro lado, verificou-se tendência mais consistente para desconcentração do consumo entre os grupos de dois, três e cinco maiores consumidores mundiais de vinho entre 1981 e 2004. No entanto, a concentração ainda era muito elevada em 2004, mesmo nesses três subgrupos, pois os dois maiores produtores responderam por 26% do consumo mundial de vinho e os cinco maiores produtores responderam por 50%. Os outros subgrupos também apresentaram tendência de declínio, embora de menor intensidade, como foi o caso do GC10, que passou de 72,8% para 71,9%. Já os subgrupos GC15 e GC20 aumentaram a concentração e suas participações subiram de 79,3% e 84,3% para 80,2% e 86,6% no mesmo período de observação (ver Gráficos 44 e 45).

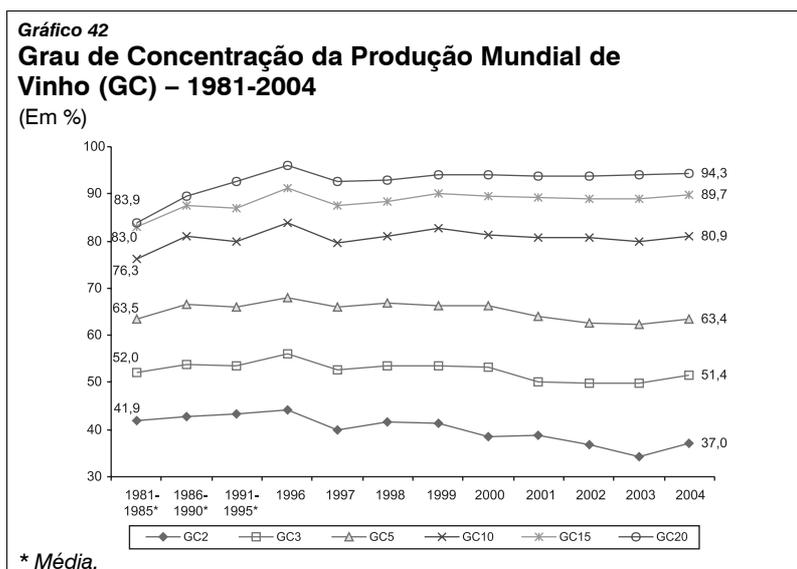


Gráfico 43

Ranking Mundial. 20 Maiores Produtores Mundiais de Vinho – 2004

(Em Mil Hectolitros)

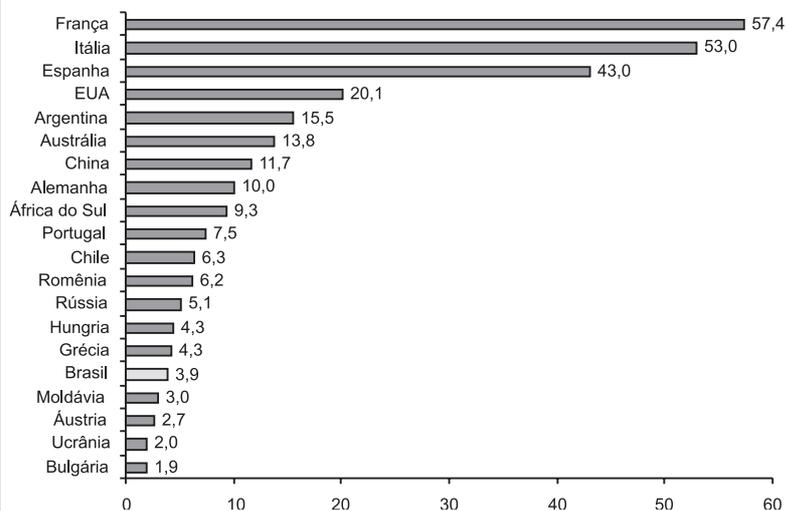
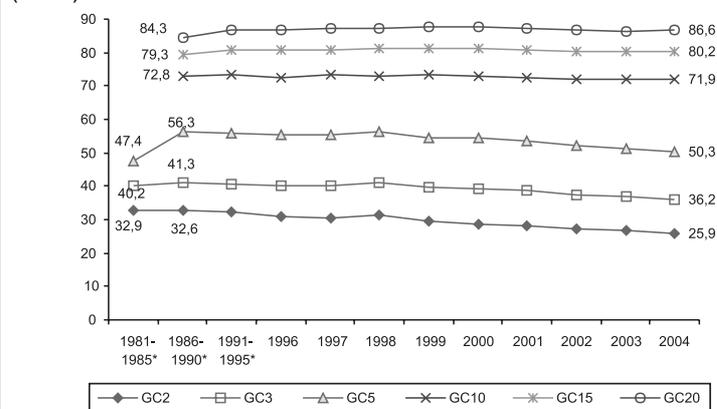


Gráfico 44

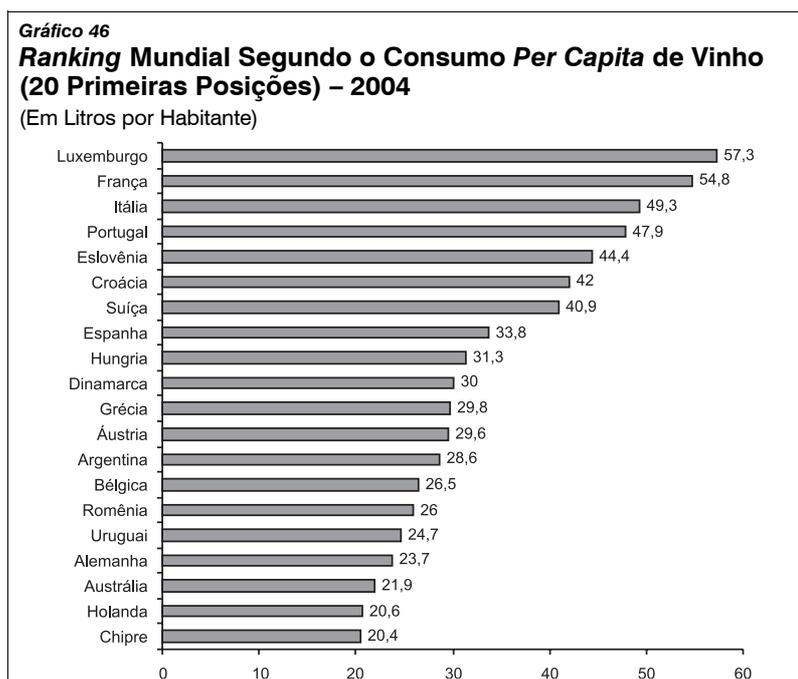
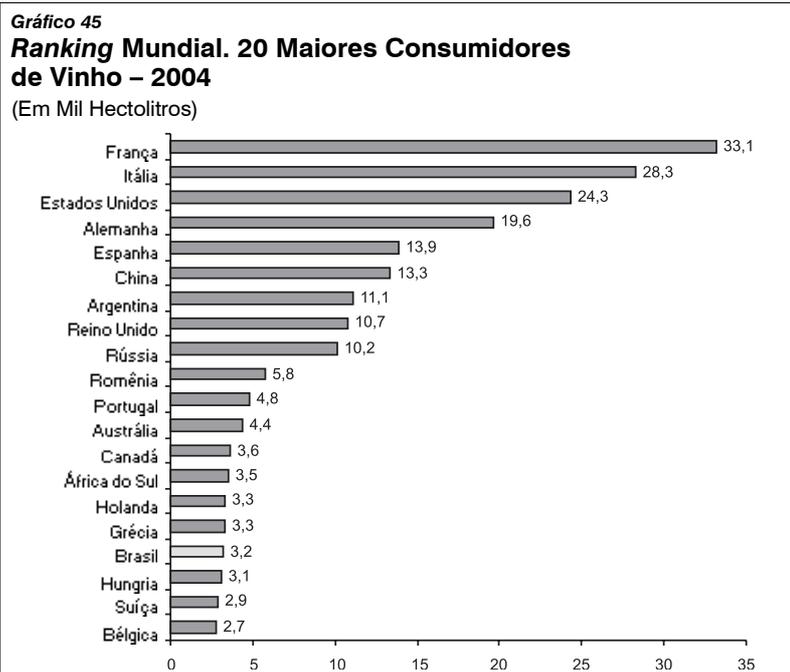
Grau de Concentração (GC) do Consumo Mundial de Vinho – 1981-2004

(Em %)



* Média.

No que se relaciona ao consumo *per capita* de vinho, a tendência nas últimas décadas foi de declínio entre os países mais bem posicionados no *ranking* mundial, como França, Itália, Portugal, Croácia, Espanha, Romênia, Argentina e Uruguai. Por outro lado, verificou-se também aumento do consumo *per capita* em um conjunto considerável de países que apresentavam índices muito baixos de consumo individual e ao mesmo tempo tinham grandes mercados potenciais para o vinho, como Estados Unidos, China, Rússia e



Japão. O Reino Unido e o Canadá, com consumo *per capita* acima de 10 litros por habitante/ano, também apresentaram tendência de crescimento. Pode-se dizer, assim, que se verificou tendência para melhor distribuição do consumo mundial de vinho no período recente. Enquanto os consumidores europeus, mais exigentes em termos

de qualidade e mais sensíveis a elevação de preços, reduziram o consumo, os consumidores de outros continentes, mais abertos a novos rótulos a preços acessíveis, ampliaram o consumo de vinho (ver Gráficos 46 e 47 e Tabela 7).

Tabela 7

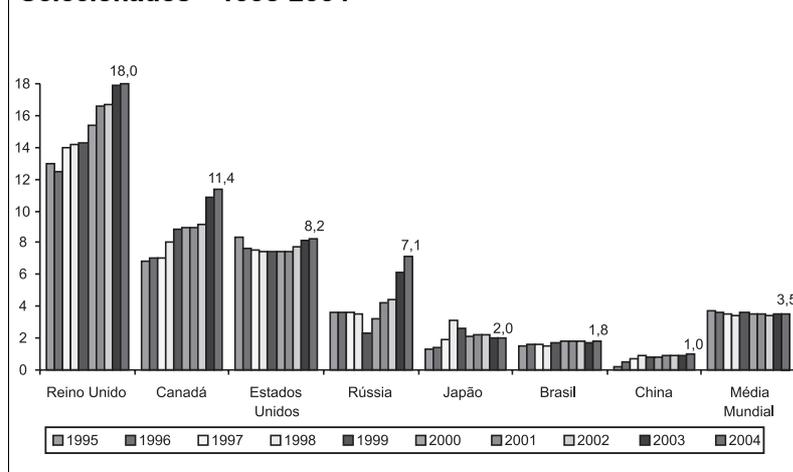
Consumo de Vinho. Consumo Per Capita de Vinho de Países Seleccionados – 1995-2004

(Em Litros por Habitante)

POSIÇÃO	PAÍS	1995	2000	2004	VARIACÃO 1995-2004	
					%	Litros
1º	Luxemburgo	55,2	62,1	57,3	3,80	2,1
2º	França	63,0	58,2	54,8	-13,02	-8,2
3º	Itália	62,0	53,5	49,3	-20,48	-12,7
4º	Portugal	57,4	45,9	47,9	-16,57	-9,5
5º	Eslovênia	40,0	34,3	44,4	11,00	4,4
6º	Croácia	48,7	40,7	42,0	-13,76	-6,7
7º	Suíça	41,5	43,1	40,9	-1,45	-0,6
8º	Espanha	36,9	34,5	33,8	-8,40	-3,1
9º	Hungria	30,0	31,5	31,3	4,33	1,3
10º	Dinamarca	25,2	30,5	30,0	18,86	4,8
11º	Grécia	30,9	26,2	29,8	-3,65	-1,1
12º	Áustria	32,0	30,6	29,6	-7,50	-2,4
13º	Argentina	42,3	33,7	28,6	-32,42	-13,7
14º	Bélgica	23,9	24,3	26,5	11,06	2,6
15º	Romênia	28,8	23,2	26,0	-9,72	-2,8
16º	Uruguai	30,7	28,3	24,7	-19,54	-6,0
17º	Alemanha	22,9	24,5	23,7	3,49	0,8
18º	Austrália	18,3	20,4	21,9	19,67	3,6
19º	Holanda	14,3	19,5	20,6	44,06	6,3
20º	Chipre	13,0	11,5	20,4	56,92	7,4

Gráfico 47

Tendência do Consumo Per Capita de Vinho de Países Seleccionados – 1995-2004



O mercado potencial para uva e vinho no Brasil é muito grande. Basta observar que o consumo *per capita* de vinho máximo no país é de apenas 1,8 litro/habitante/ano, alcançado em 2005, enquanto nos países que lideram o *ranking* mundial o consumo por indivíduo superou 50 litros/habitante/ano. No entanto, o foco nas exportações representa uma grande oportunidade para os produtores nacionais, tendo-se em vista os bons preços no mercado internacional e a existência de grandes mercados a serem atendidos, tais como Estados Unidos, Reino Unido, Canadá, China, Japão e Rússia.

Todavia, as exportações mundiais de uva e de vinho ainda são muito concentradas em poucos países. Embora a tendência dos vários graus de concentração seja de declínio desde os anos 1990, os maiores exportadores responderam por 77,45% das vendas externas de uva e 79,41% das exportações de vinho entre 2001 e 2003. Nesse período, os cinco maiores exportadores de uva foram Chile, Estados Unidos, Itália, África do Sul e a Bélgica, a qual desempenha um papel importante nas reexportações para outros países da Europa. E os cinco maiores exportadores de vinho foram França, Itália, Espanha, Austrália e Chile (ver Tabelas 8 e 9 e Gráficos 48 e 49).

Nas últimas décadas, a tendência foi de declínio das participações dos grandes exportadores de uva, como Itália, África do Sul e França, e ascensão do Chile, México, Grécia e Austrália. Os

Tabela 8

Evolução do Grau de Concentração das Exportações Mundiais de Uva – 1961-2003

(Em % Médio)

GRAU DE CONCENTRAÇÃO	1961-1970	1971-1980	1981-1990	1991-2000	2001-2003
GC2	51,77	58,31	58,22	49,35	46,03
GC5	80,88	80,13	84,57	81,72	77,45
GC10	93,77	95,11	94,50	93,93	92,04
GC15	98,54	98,02	97,93	97,86	96,98
GC20	99,54	99,26	99,36	99,30	98,84

Tabela 9

Evolução do Grau de Concentração das Exportações Mundiais de Vinho – 1961-2003

(Em % Médio)

GRAU DE CONCENTRAÇÃO	1961-1970	1971-1980	1981-1990	1991-2000	2001-2003
GC2	52,43	54,83	64,68	62,88	57,02
GC5	76,85	76,64	84,97	82,31	79,41
GC10	94,69	93,99	94,90	92,71	92,11
GC15	98,38	97,86	97,93	96,02	95,77
GC20	99,39	99,19	99,21	97,83	97,88

Gráfico 48
Ranking dos 15 Maiores Exportadores Mundiais de Uva – 2004
 (Em US\$ Milhões)

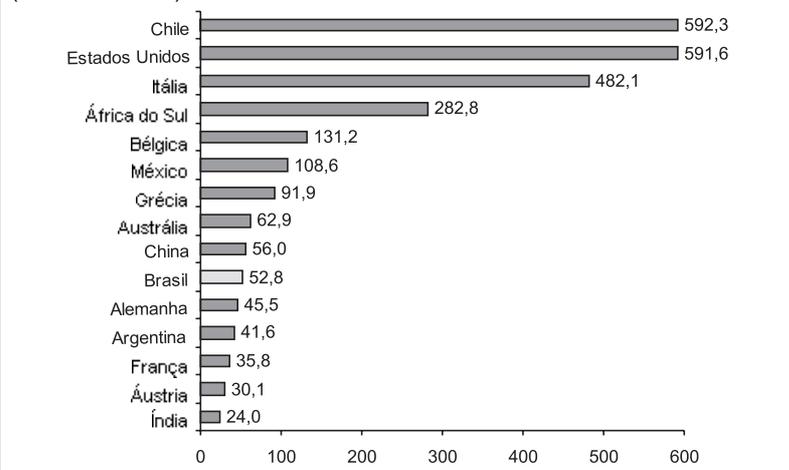
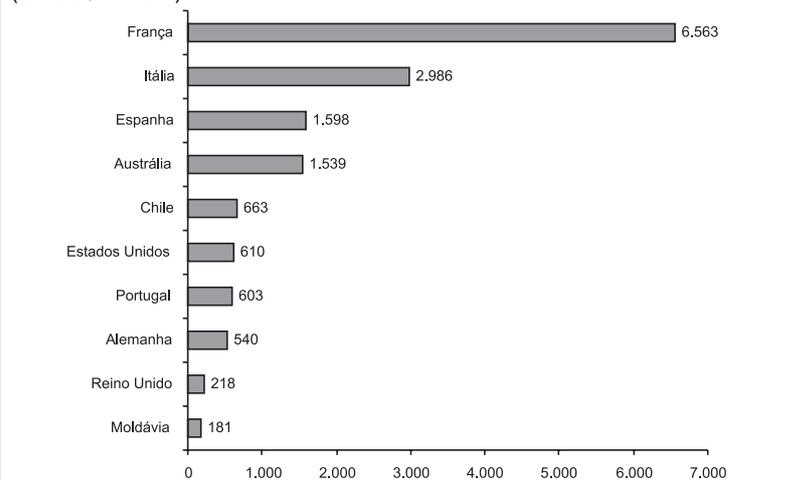


Gráfico 49
Ranking dos 10 Maiores Exportadores Mundiais de Vinho (92% das Exportações Mundiais) – 2003
 (Em US\$ Milhões)



Estados Unidos mantiveram-se como grandes exportadores de uva durante todo o período observado e chegaram até a apresentar um pequeno ganho de participação nos primeiros anos da atual década (ver Tabela 5 do Anexo).

Nas exportações de vinho, a França manteve-se na primeira posição, com participação bem maior do que a Itália, na segunda colocação. No entanto, enquanto a participação francesa nas exportações mundiais alcançou o máximo nas décadas de 1980 e 1990, para entrar em tendência de queda nos anos 2000, a participação italiana apresentou ganhos de participação ao longo de todo o

período observado. Entre 2001 e 2003, as respectivas participações médias desses dois países atingiram 38,8% e 18,3%. Os outros países que também se destacaram por ganhos de participação nas exportações mundiais de vinho foram Espanha, Austrália, Chile e Estados Unidos (ver Tabela 6 do Anexo).

No que se relaciona às importações de uva e vinho, o grau de concentração ainda apresenta-se bastante elevado em poucos países, embora a tendência tenha sido de declínio nos últimos anos, quando os patamares atingidos ficaram abaixo da concentração das exportações. Por exemplo, o GC5 para importações de uva caiu de 64,67% na década de 1980 para 58,03% nos anos 2000, enquanto nas importações de vinho esse mesmo indicador caiu de 67,61% para 61,92% no mesmo período. Em 2003, os cinco maiores importadores de uva foram Estados Unidos, Alemanha, Reino Unido, Holanda e Canadá. Os cinco maiores importadores de vinho foram Reino Unido, Estados Unidos, Alemanha, Japão e Bélgica. Vale destacar que as três primeiras posições foram ocupadas pelos mesmos países, apenas com mudanças de posições, e que o desempenho da Holanda e da Bélgica reflete em boa medida a condição de grandes reexportadores de uva e vinho para outros países. Por fim, vale ressaltar ainda o desempenho da China e da Rússia, oitavo e décimo maiores importadores mundiais de uva, respectivamente, como mercados emergentes que vêm experimentando crescimento rápido (ver Tabelas 10 e 11 e Gráficos 50 e 51).

Tabela 10

Evolução do Grau de Concentração das Importações Mundiais de Uva – 1961-2003

(Em % Médio)

GRAU DE CONCENTRAÇÃO	1961-1970	1971-1980	1981-1990	1991-2000	2001-2003
GC2	46,42	43,13	37,79	36,17	34,20
GC5	67,52	64,67	67,90	60,71	58,03
GC10	81,79	80,32	82,70	79,57	77,76
GC15	90,64	90,01	90,27	86,07	84,44
GC20	95,60	94,90	94,38	90,07	89,09

Tabela 11

Evolução do Grau de Concentração das Importações Mundiais de Vinho – 1961-2003

(Em % Médio)

GRAU DE CONCENTRAÇÃO	1961-1970	1971-1980	1981-1990	1991-2000	2001-2003
GC2	42,91	34,47	40,01	35,93	39,43
GC5	70,01	65,02	67,76	61,80	61,92
GC10	83,69	84,24	86,81	82,09	80,76
GC15	90,48	90,71	92,71	89,78	88,20
GC20	93,45	93,45	95,02	92,88	91,72

No que se refere às importações mundiais de uva, a tendência foi de perda de importância relativa das compras da Alemanha, do Reino Unido e do Canadá, respectivamente segundo, terceiro e quinto colocados no *ranking* mundial, cujas participações foram reduzidas de 31,3%, 15,1% e 11,6% nos anos 1960 para 11,1%, 10,4% e 6,6% nos anos 2000. Os outros grandes importadores de uva apresentaram tendência de crescimento, com destaque para os Estados Unidos, que assumiram a liderança na década de 1980 e responderam por 22,9% das importações mundiais nos anos 2000. No entanto, os outros países que se destacaram – Holanda, China, França, Bélgica e México – apresentaram aumentos de importância mais modestos (ver Tabela 7 do Anexo).

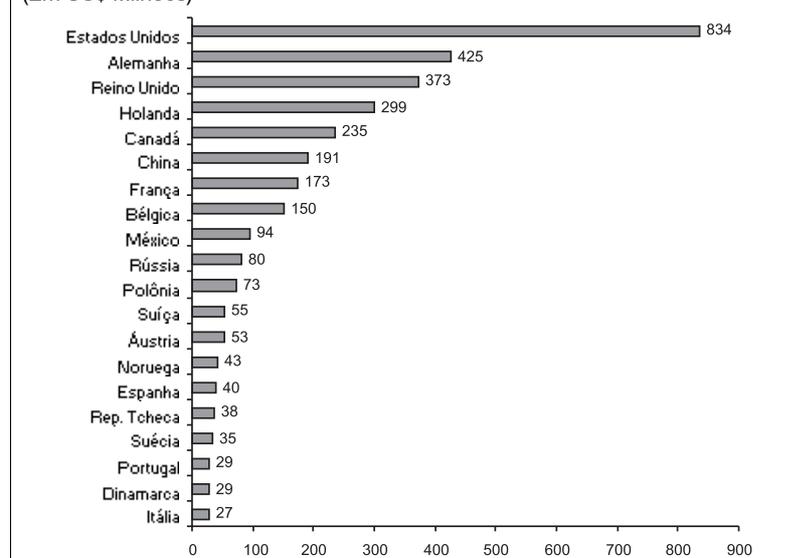
Nas importações de vinho, o Reino Unido e os Estados Unidos, na primeira e na segunda posições, ampliaram suas participações de 12,21% e 8,75% na década de 1960 para 20,84% e 18,59% nos anos 2000. Por sua vez, a Alemanha, a Suíça e a França, na terceira, na sétima e na nova colocações, tiveram suas participações reduzidas de 16,12%, 5,69% e 26,24% para 11,99%, 4,51% e 3,07% no mesmo período de observação. Outros quatro países que também se destacaram pelos ganhos de importância nas importações mundiais de vinho foram Japão, Bélgica, Canadá e Holanda (ver Tabela 8 do Anexo).

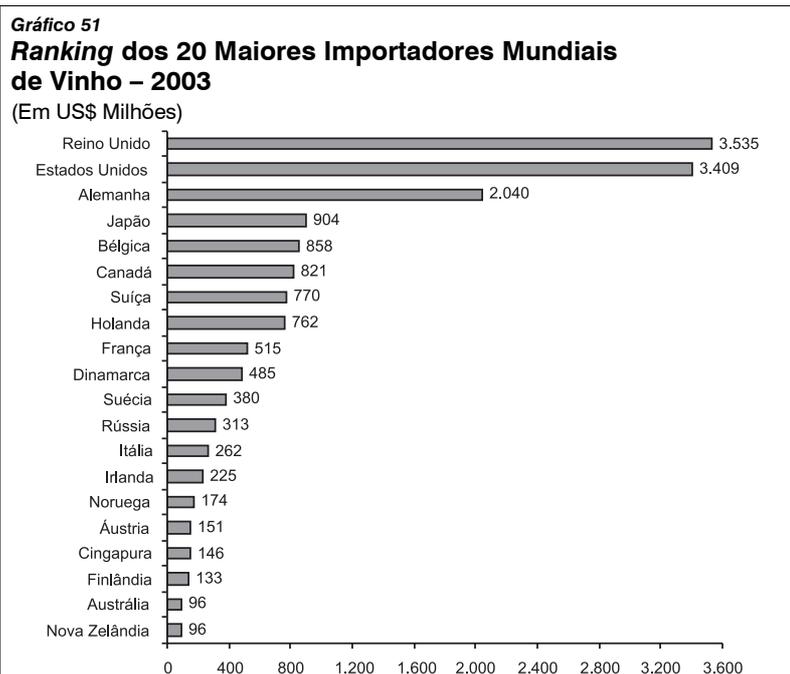
Por fim, o Brasil apresentou participações muito baixas tanto nas exportações quanto nas importações de uva e vinho nas últimas décadas. Entre 2001 e 2003, o país era o 9º maior exportador

Gráfico 50

Ranking dos 20 Maiores Importadores Mundiais de Uva – 2003

(Em US\$ Milhões)





de uvas (1,56%) e o 51º exportador de vinhos, respondendo por apenas 0,01% das exportações mundiais de vinho. Em relação às importações, as participações foram igualmente baixas, pois o Brasil ficou na 48ª posição na importação de uva (0,19% das importações mundiais) e em 26ª na importação de vinhos (0,45% das importações mundiais), como se vê nas Tabelas 5 a 8 do Anexo.

O Brasil tem grandes oportunidades para se consolidar como grande *player* mundial na produção de uva e disputar a liderança mundial na produção de derivados como suco e vinho, inclusive no segmento de vinhos finos de alto padrão de qualidade. A produtividade apresentada pelo semi-árido nordestino mostra que a região apresenta excelentes condições para sediar um grande pólo de uva e de vinho em condições de assumir a liderança mundial do setor em um curto espaço de tempo. Certamente, a definição de uma estratégia para expansão da produção da uva na região, associada à implantação de unidades agroindustriais, contribuiria para acelerar os investimentos e consolidar as oportunidades existentes para a região nesse setor.

Nesse sentido, o crescimento mais rápido do cultivo de uva no Vale do São Francisco, no semi-árido do Nordeste, desempenha um papel importante para elevar a participação brasileira na produção e no comércio internacional de uva e vinho nos próximos anos, com boas possibilidades de o país assumir até a liderança

Considerações Finais

mundial no setor. Trata-se de uma grande oportunidade, tendo-se em vista os impactos gerados ao longo de toda a cadeia produtiva, em termos de aquisição de máquinas e equipamentos, logística para transporte de insumos e escoamento da produção, centros de ensino e pesquisa etc. Além disso, o salto que é possível dar nesse setor proporcionará um grande impacto na geração de emprego em uma das regiões menos desenvolvidas do Brasil, o que contribuirá para a redução dos problemas sociais no país.

A produtividade no Vale do São Francisco atinge valores até duas vezes superiores aos maiores rendimentos físicos apresentados mundialmente e cinco vezes maiores do que a média mundial. Dessa forma, pode-se afirmar que existe uma janela aberta para o país e, mais especificamente, para a Região Nordeste consolidar uma posição competitiva no setor no mercado mundial de uva e, em consequência, na produção de seus derivados, como passa, suco, vinho, espumante e vinagre. Todavia, é preciso definir uma estratégia de desenvolvimento acelerado para toda a cadeia produtiva que contemple investimentos nas seguintes áreas: expansão da área plantada, introdução de novas variedades de uvas, fortalecimento dos segmentos de fornecedores (máquinas e equipamentos, fertilizantes, defensivos etc.), desenvolvimento tecnológico, centros de ensino e pesquisa, institutos de enologia, ampliação da capacidade agroindustrial para sucos, passas, vinho, espumante e vinagre e outros produtos.

Uma boa estratégia para desenvolver o *cluster* do São Francisco poderia ser a definição de metas específicas para criação de áreas demarcadas para produção de uva e de vinho. Podem-se estabelecer variedades, procedimentos técnicos de cultivo e qualidade da uva e derivados como o vinho para um conjunto significativo de produtores, tendo-se em vista que a padronização dos procedimentos desempenha um papel importante para garantir a qualidade da produção em áreas extensas especializadas no cultivo da uva, tal como demonstra a experiência européia. Além disso, poderiam ser definidos investimentos para melhoria da qualidade do vinho, participação em feiras e concursos no país e no exterior, visando à maior divulgação do vinho da região. Ou seja, definir um conjunto de metas que proporcione maior dinamismo e viabilize a expansão acelerada do *cluster*.

Tabela 1

Produção Mundial de Uva. 20 Maiores Produtores – 1961-2005

(Em Milhões de Toneladas)

POSIÇÃO	PAÍS	1961-1970	1971-1980	1981-1990	1991-2000	2001-2005
1º	Itália	10,53	11,22	10,61	9,26	8,16
2º	Estados Unidos	3,25	3,92	5,03	5,62	6,22
3º	França	9,93	10,30	9,01	7,19	6,94
4º	China	0,10	0,13	0,56	2,01	5,15
5º	Espanha	4,28	5,30	5,51	4,99	6,26
6º	Turquia	3,34	3,41	3,39	3,58	3,52
7º	Irã	0,52	0,88	1,47	2,00	2,72
8º	Argentina	2,67	3,12	2,97	2,29	2,41
9º	Chile	0,81	0,93	1,02	1,50	1,94
10º	Austrália	0,63	0,70	0,83	1,00	1,77
11º	África do Sul	0,74	0,87	1,19	1,38	1,57
12º	Egito	0,11	0,23	0,44	0,82	1,14
13º	Brasil	0,50	0,58	0,66	0,82	1,16
14º	Grécia	1,48	1,46	1,54	1,23	1,21
15º	Índia	0,11	0,14	0,30	0,80	1,16
16º	Alemanha	0,82	1,10	1,40	1,45	1,17
17º	Portugal	1,65	1,39	1,23	0,99	0,96
18º	Hungria	0,72	0,83	0,73	0,65	0,62
19º	Usbequistão	S.I.	S.I.	S.I.	0,45	0,52
20º	Moldávia	S.I.	S.I.	S.I.	0,66	0,59
...	Outros	7,09	7,16	7,83	8,24	7,69
...	Total	49,28	53,66	55,75	56,94	62,88

Tabela 2

Produção Mundial de Uva. Taxa de Crescimento Médio – 1962-2005

(Em %)

POSIÇÃO	PAÍS	1962-1970	1971-1980	1981-1990	1991-2000	2001-2005	1962-2005
1º	Itália	3,75	2,64	-3,60	1,04	-0,24	0,76
2º	Estados Unidos	0,73	8,62	1,52	4,01	1,73	3,56
3º	França	7,86	1,35	-1,20	1,35	-2,08	1,71
4º	China	3,75	6,61	20,35	13,53	14,58	11,63
5º	Espanha	4,02	8,00	2,14	2,29	-0,43	3,60
6º	Turquia	2,75	-0,53	-0,15	0,39	0,44	0,55
7º	Irã	4,73	6,00	3,36	6,09	2,29	4,74
8º	Argentina	3,76	2,85	-0,82	2,16	2,22	1,97
9º	Chile	-0,98	5,48	1,48	5,24	3,91	3,02
10º	Austrália	6,18	3,89	0,08	6,27	10,37	4,77
11º	África do Sul	4,24	5,75	2,08	1,42	3,02	3,31
12º	Egito	0,97	12,34	7,13	6,92	4,09	6,66
13º	Brasil	4,81	-1,59	8,01	3,77	4,43	3,80
14º	Grécia	2,40	-0,05	-2,30	1,34	-0,36	0,22
15º	Índia	7,16	6,31	9,29	11,78	1,47	7,86
16º	Alemanha	15,40	-3,04	17,32	2,16	-5,17	6,30
17º	Portugal	10,58	5,30	9,96	4,11	-0,07	6,56
18º	Hungria	7,57	3,42	6,37	-1,38	-1,85	3,25
19º	Usbequistão					-0,53	
20º	Moldávia					-4,18	
...	Média Mundial	3,12	2,01	-0,70	2,07	0,71	1,49

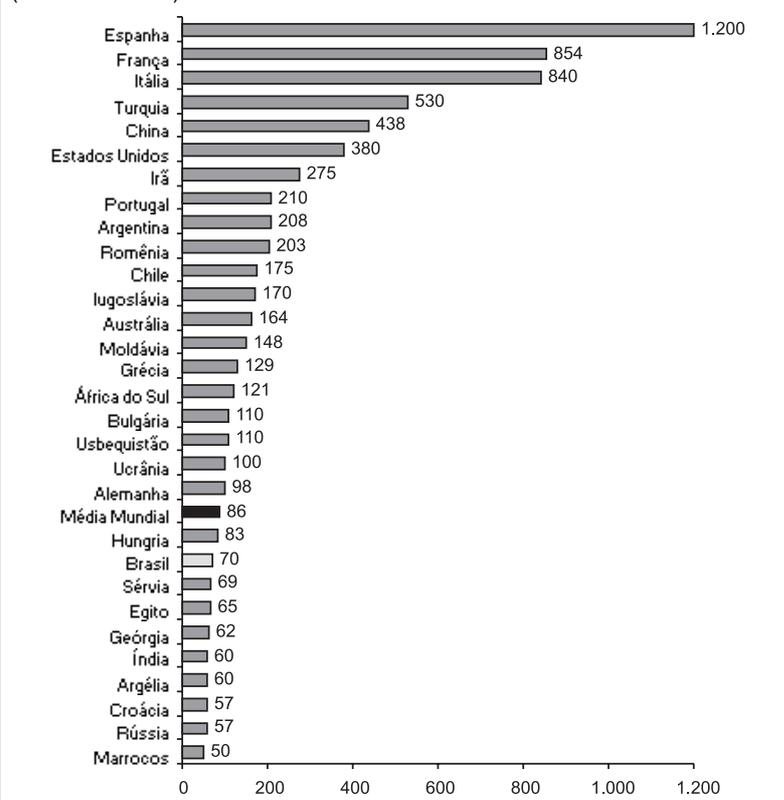
Tabela 3

Área Colhida Mundial de Uva. 30 Maiores Produtores – 1961-2005

(Em Mil Hectares)

POSIÇÃO	PAÍSES	ÁREA COLHIDA MÉDIA – MIL HECTARES					TAXA DE CRESCIMENTO %			
		1961-1970	1971-1980	1981-1990	1991-2000	2001-2004	1970-1960	1980-1970	1990-1980	2000-1990
1º	Espanha	1.608	1.596	1.542	1.193	1.172	-0,74	-3,35	-22,67	-1,74
2º	França	1.360	1.195	1.002	886	857	-12,12	-16,15	-11,64	-3,25
3º	Itália	1.514	1.321	1.116	914	843	-12,75	-15,50	-18,09	-7,77
4º	Turquia	822	809	632	558	529	-1,62	-21,87	-11,71	-5,19
5º	China	16	24	100	173	399	48,79	323,32	72,03	131,01
6º	Estados Unidos	219	258	305	330	382	17,71	18,53	8,06	15,67
7º	Irã	111	170	205	246	273	52,76	20,54	20,20	10,73
8º	Portugal	251	262	263	261	218	4,34	0,24	-0,70	-16,33
9º	Argentina	273	320	284	202	206	17,41	-11,34	-28,70	1,92
10º	Romênia	319	301	239	245	225	-5,78	-20,66	2,75	-8,37
11º	Chile	106	107	117	125	171	0,85	9,40	6,69	37,19
12º	Iugoslávia	260	248	234	187	171	-4,82	-5,39	-20,27	-8,58
13º	Austrália	51	62	59	71	145	21,89	-5,56	21,91	103,41
14º	Moldávia	S.I.	S.I.	S.I.	165	147	S.I.	S.I.	S.I.	-10,78
15º	Grécia	232	204	170	127	125	-12,05	-16,92	-25,13	-1,73
16º	África do Sul	86	107	96	105	117	25,37	-10,08	8,40	12,35
17º	Usbequistão	S.I.	S.I.	S.I.	94	102	8,39
18º	Bulgária	188	162	147	117	120	-14,02	-9,19	-20,61	2,71
19º	Ucrânia	S.I.	S.I.	S.I.	126	93	-26,00
20º	Alemanha	70	84	92	102	99	20,86	9,57	10,51	-3,16
21º	Hungria	236	199	147	102	85	-15,59	-26,05	-30,98	-16,03
22º	Brasil	67	61	58	59	67	-9,35	-5,60	2,68	12,82
23º	Sérvia	S.I.	S.I.	S.I.	79	68	-14,26
24º	Egito	10	20	37	52	64	91,25	85,92	40,55	22,43
25º	Geórgia	S.I.	S.I.	S.I.	74	61	-16,63
26º	Argélia	328	227	141	61	57	-30,91	-37,72	-56,67	-7,53
27º	Índia	7	8	16	38	55	22,77	98,56	137,57	46,11
28º	Croácia	S.I.	S.I.	S.I.	55	57	4,62
29º	Rússia	S.I.	S.I.	S.I.	79	57	-27,75
30º	Marrocos	72	56	54	48	49	-22,01	-4,72	-10,77	3,50
...	Mundo	9.336	9.068	8.504	7.541	7.579	-2,87	-6,22	-11,32	0,50

Gráfico 1
Cultura da Uva. Ranking Mundial Segundo a Área Colhida.
30 Principais Países (93% da Área Colhida) – 2005
 (Em Mil Hectares)



Quadro 1
Resumo dos Resultados da Regressão

Estatística de Regressão	
R múltiplo	0,64
R ²	0,41
R ² ajustado	0,33
Erro padrão	3,71
Observações	44

ANOVA				
	gl	SQ	MQ	F
Regressão	5	356,43558	71,28712	5,18585
Resíduo	38	522,36582	13,74647	
Total	43	878,80140		

	Coeficientes	Erro Padrão	Stat t
Interseção	27,66626	6,63276	4,17115
Variável X 1	-0,00795	0,00933	-0,85247
Variável X 2	1,28215	4,63200	0,27680
Variável X 3	0,00444	0,00267	1,66235
Variável X 4	-0,29005	0,47485	-0,61082
Variável X 5	0,91332	0,89345	1,02224

Tabela 4

Países Selecionados. Produção, Consumo e Estoque Médios de Vinho – 1981-2004

(Em Milhões de Hectolitros)

PAÍS	1981-1985	1986-1990	1991-1995	1996-2000	2001-2004
França					
Produção	67,46	64,64	52,89	56,27	51,87
Consumo	46,16	41,72	37,31	35,31	33,80
Estoques ¹	21,30	22,93	15,58	20,97	18,07
Itália					
Produção	72,15	65,72	60,77	54,39	47,95
Consumo	46,30	36,62	35,12	31,95	28,96
Estoques ¹	25,85	29,09	25,65	22,44	18,98
EUA					
Produção	17,71	18,17	17,62	21,42	20,62
Consumo	20,31	20,85	18,41	21,73	23,70
Estoques ¹	-2,60	-2,68	-0,79	-0,31	-3,08
Alemanha					
Produção	9,78	10,01	10,39	9,99	9,25
Consumo	18,39	18,39	18,64	19,36	19,91
Estoques ¹	-8,61	-8,38	-8,25	-9,37	-10,66
Espanha					
Produção	33,96	33,52	26,44	34,16	37,44
Consumo	19,68	17,40	15,44	14,43	13,87
Estoques ¹	14,28	16,18	11,00	19,73	23,57
Argentina					
Produção	20,46	19,91	15,59	13,46	14,30
Consumo	20,19	17,80	15,72	12,90	11,87
Estoques ¹	0,28	2,11	-0,132	0,56	2,44
China					
Produção	2,73	2,73	3,12	6,10	11,33
Consumo	2,70	2,70	3,048	10,22	11,85
Estoques ¹	0,04	0,04	0,072	-4,12	-0,52
Reino Unido					
Produção*	0,01	0,01	0,01	0,01	0,02
Consumo		6,04	6,664	8,42	10,34
Estoques ¹	0,01	-6,03	-6,658	-8,41	-10,33
Rússia					
Produção	S.I.	S.I.	3,11	2,51	4,29
Consumo	S.I.	S.I.	6,00	5,22	7,56
Estoques ¹	S.I.	S.I.	-2,890	-2,71	-3,28
Romênia					
Produção	8,70	7,13	5,53	6,17	5,57
Consumo	6,73	6,73	5,48	5,45	5,13
Estoques ¹	1,97	0,41	0,05	0,72	0,44

Nota: ¹ Estoques + (X-M).

(continua)

PAÍS	1981-1985	1986-1990	1991-1995	1996-2000	2001-2004
Portugal					
Produção	9,08	8,46	7,28	6,83	7,32
Consumo	5,89	5,89	5,81	5,03	4,87
Estoques ¹	3,19	2,57	1,46	1,80	2,46
Austrália					
Produção	4,03	4,29	4,81	7,38	11,42
Consumo	3,30	3,30	3,21	3,64	4,14
Estoques ¹	0,73	0,99	1,60	3,74	7,28
África do Sul					
Produção	8,65	7,74	8,23	7,89	7,95
Consumo	3,36	3,36	3,65	3,96	3,71
Estoques ¹	5,29	4,38	4,58	3,93	4,24
Hungria					
Produção	4,99	10,97	3,82	4,13	4,24
Consumo	2,36	2,36	3,18	3,03	3,21
Estoques ¹	2,62	8,61	0,65	1,09	1,03
Brasil					
Produção	4,01	2,97	3,10	2,92	3,18
Consumo	2,86	2,86	2,99	2,84	3,13
Estoques ¹	1,14	0,117	0,10	0,08	0,05
Suíça					
Produção				1,21	1,11
Consumo		3,14	3,00	2,95	3,00
Estoques ¹	0,00	-3,14	-3,00	-1,98	-2,72
Grécia					
Produção	5,00	4,24	3,67	3,83	3,66
Consumo	3,05	3,05	2,85	2,91	2,77
Estoques ¹	1,95	1,19	0,82	0,93	0,89
Canadá					
Produção	S.I.	S.I.	S.I.	0,00	0,00
Consumo	S.I.	1,17	1,34	2,94	2,66
Estoques ¹	S.I.	-1,17	-1,34	-2,94	-2,66
Japão					
Produção	S.I.	S.I.	S.I.	1,27	1,00
Consumo	S.I.	S.I.	S.I.	2,99	2,66
Estoques ¹	S.I.	S.I.	S.I.	-1,38	-1,66
Chile					
Produção	6,60	4,14	3,33	5,07	6,07
Consumo	3,46	3,46	2,35	2,34	2,41
Estoques ¹	3,14	0,68	0,98	2,73	3,65
Mundo					
Produção	333,55	303,98	262,28	269,34	271,90
Consumo	280,72	240,24	223,88	222,69	232,03
Estoques ¹	52,83	63,73	38,40	46,66	39,87

Nota: ¹ Estoques + (X-M).

Tabela 5

Participação Média nas Exportações Mundiais de Uva – 1961-2003

(Em %)

POSIÇÃO	PAÍS	1961-1970	1971-1980	1981-1990	1991-2000	2001-2003
1º	Chile	1,73	4,94	23,45	22,09	25,18
2º	Itália	29,91	39,16	34,23	27,27	20,77
3º	Estados Unidos	19,44	19,15	14,97	20,22	20,65
4º	África do Sul	10,33	7,19	4,91	6,54	6,12
5º	México	0,09	0,23	0,93	3,48	5,35
6º	Bélgica	1,56	0,99	0,50	3,63	4,23
7º	Grécia	2,64	4,27	6,67	5,59	3,92
8º	Austrália	0,48	0,27	1,30	1,79	2,40
9º	Brasil	0,00	0,01	0,19	0,51	1,56
10º	China	0,46	0,50	0,32	1,70	2,78
11º	Argentina	1,28	0,40	0,25	0,82	1,46
12º	Peru	0,00	0,02	0,02	0,11	0,78
13º	Índia	0,00	0,02	0,31	0,74	0,80
14º	França	5,56	4,93	2,58	1,30	0,89
15º	Alemanha	0,09	0,68	0,84	0,81	0,64
16º	Áustria	0,00	0,00	0,01	0,27	0,72
17º	Naníbia	0,00	0,00	0,00	0,10	0,25
18º	Israel	0,13	0,23	0,68	0,89	0,40
19º	Marrocos	0,05	0,02	0,01	0,02	0,13
20º	Líbano	0,29	0,91	0,97	0,28	0,14

Tabela 6

Participação Média nas Exportações Mundiais de Vinho – 1961-2003

(Em %)

POSIÇÃO	PAÍS	1961-1970	1971-1980	1981-1990	1991-2000	2001-2003
1º	França	30,67	36,56	46,84	45,10	38,77
2º	Itália	8,55	18,27	17,84	17,78	18,26
3º	Espanha	7,72	9,07	7,61	9,46	9,13
4º	Austrália	0,60	0,29	0,62	3,80	8,77
5º	Chile	0,16	0,27	0,35	2,58	4,49
6º	Estados Unidos	0,21	0,33	1,02	2,78	3,85
7º	Portugal	7,46	6,00	4,91	4,66	3,51
8º	Alemanha	2,87	5,73	7,77	4,30	2,97
9º	Reino Unido	1,50	1,44	0,76	0,82	1,29
10º	Moldávia	0,00	0,00	0,00	0,81	1,02
11º	Argentina	0,04	0,22	0,18	0,72	1,02
12º	Nova Zelândia	0,00	0,01	0,06	0,38	0,88
13º	Holanda	0,29	0,14	0,23	0,49	0,73
14º	Cingapura	0,05	0,03	0,04	0,29	0,53
15º	Bélgica	0,00	0,00	0,00	0,07	0,54
16º	Áustria	0,18	0,87	0,50	0,29	0,41
17º	Dinamarca	0,10	0,11	0,11	0,15	0,43
18º	Grécia	0,93	0,86	0,63	0,64	0,38
19º	Hungria	4,00	4,55	2,46	0,83	0,45
20º	Bulgária	7,58	4,68	3,49	0,90	0,46
51º	Brasil	0,00	0,02	0,02	0,10	0,01

Tabela 7

Participação Média nas Importações Mundiais de Uva – 1961-2003

(Em %)

POSIÇÃO	PAÍS	1961-1970	1971-1980	1981-1990	1991-2000	2001-2003
1º	Estados Unidos	2,02	2,77	18,31	19,43	22,87
2º	Alemanha	31,31	29,29	18,50	16,56	11,09
3º	Reino Unido	15,11	10,31	8,99	9,32	10,39
4º	Holanda	1,62	2,86	4,18	5,70	6,72
5º	Canadá	11,57	13,84	12,64	7,85	6,61
6º	China	1,01	2,07	2,96	5,80	6,10
7º	França	1,62	6,56	8,93	6,30	4,72
8º	Bélgica	0,00	0,00	0,00	0,43	4,29
9º	México	0,03	0,01	0,04	1,59	3,02
10º	Rússia	0,00	0,00	0,00	1,01	1,68
11º	Polônia	2,19	1,66	0,31	1,00	1,88
12º	Suíça	3,92	4,19	2,59	1,98	1,54
13º	Áustria	2,40	2,87	2,21	1,76	1,44
14º	Noruega	2,52	2,15	1,29	1,04	1,11
15º	Espanha	0,00	0,00	0,05	0,54	0,95
16º	Rep. Tcheca	0,00	0,00	0,00	0,48	0,94
17º	Suécia	4,60	3,02	1,65	1,30	0,89
18º	Portugal	0,00	0,00	0,07	0,71	0,79
19º	Dinamarca	1,56	1,06	0,71	0,60	0,70
20º	Itália	0,32	0,52	0,68	0,73	0,66
48º	Brasil	0,61	0,79	0,37	0,69	0,19

Tabela 8

Participação Média nas Importações Mundiais de Vinho – 1961-2003

(Em %)

POSIÇÃO	PAÍS	1961-1970	1971-1980	1981-1990	1991-2000	2001-2003
1º	Reino Unido	12,21	13,72	17,56	19,28	20,84
2º	Estados Unidos	9,75	14,52	19,35	14,17	18,59
3º	Alemanha	16,12	19,36	18,46	15,77	11,99
4º	Japão	0,11	0,96	2,40	5,18	5,57
5º	Bélgica	0,00	0,00	0,00	0,51	4,88
6º	Canadá	1,86	3,34	3,52	3,60	4,47
7º	Suíça	5,69	6,11	6,00	5,22	4,51
8º	Holanda	2,34	5,29	5,58	4,83	4,00
9º	França	26,24	10,32	5,31	4,40	3,07
10º	Dinamarca	1,15	1,95	2,32	2,94	2,84
11º	Suécia	1,72	1,69	1,68	2,10	2,13
12º	Rússia	0,00	0,00	0,00	2,42	1,71
13º	Itália	1,25	2,47	1,84	1,66	1,35
14º	Irlanda	0,48	0,52	0,54	0,77	1,28
15º	Noruega	0,37	0,40	0,49	0,75	0,96
16º	Áustria	0,92	0,67	0,50	0,71	0,92
17º	Cingapura	0,10	0,12	0,18	0,62	0,83
18º	China	0,14	0,21	0,36	1,01	0,84
19º	Finlândia	0,37	0,31	0,25	0,54	0,72
20º	Austrália	0,13	0,41	0,58	0,48	0,50
26º	Brasil	0,13	0,28	0,18	0,43	0,45

Referências Bibliográficas

BACEN – BANCO CENTRAL DO BRASIL. Boletim do Banco Central, 2000-2007. Disponível em: <www.bcb.gov.br>.

BEI – BANCO EUROPEU DE INVESTIMENTO. *Relatório Anual*. Luxemburgo, 2004 e 2005.

FNP CONSULTORIA & AGROINFORMATIVOS. *Agrianual, Anuário da Agricultura Brasileira* 2004, 2005 e 2006.

FORBES. Edição 120, 6 de outubro de 2005.

GUJARATI, Damodar N. *Econometria básica*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

“Larousse do Vinho”. São Paulo: Larousse do Brasil, 2004.

MARTI, Michael E. *A China de Deng Xiaoping*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

OIV – OFFICE INTERNATIONAL DE LA VIGNE ET DU VIN. *The state of vitiviniculture in the world and statistical information*. Paris: OIV, 1999-2004.

ROSTOW, W. W. *Etapas do desenvolvimento econômico*. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

Sites Consultados

Banco Europeu de Investimento (BEI). Disponível em: <www.eib.org>.

Botticelli. Arte em Vinhos. Disponível em: <www.botticelli.com.br>.

California Wine Institute. Disponível em: <www.california-wine.org>.

Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (Codevasf). Disponível em: <www.codevasf.gov.br>.

Dão Sul. Disponível em: <www.daosul.com>.

Decanter. Disponível em: <www.decanter.com>.

Embrapa Uva e Vinho. Disponível em: <www.cnpuv.embrapa.br>.

Expand. Disponível em: <expand.americanas.com.br>.

FAO. Food and Agriculture Organization of The United Nations. Disponível em: <www.fao.org>.

FAO. FAO Statistical Databases. Disponível em: <apps.fao.org>.

Garziera. Disponível em: <www.vinhogarziera.com.br>.

Grupo Talgo. Patentes Talgo S.A. Disponível em: <www.talgo.com>.

IBGE. Pesquisa Agrícola Municipal (PAM). Disponível em:
<www.ibge.gov.br>.

Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). Disponível em: <www.desenvolvimento.gov.br>.

Miolo. Disponível em: <www.miolo.com.br>.

OECD – Organisation for Economic Co-Operation and Development. Disponível em: <www.oecd.org>.

Office International de la Vigne et du Vin (OIV). Disponível em: <www.oiv.org>.

Organização Mundial de Comércio (OMC). Disponível em: <www.wto.org>.

Site do Vinho Brasileiro. Disponível em: <www.sitedovinhobrasileiro.com.br>.

ViniBrasil. Disponível em: <www.vinibrasil.com.br>.

Wine Institute. The Voice For California Wine. Disponível em: <www.wineinstitute.org>.

Wine Spectator. Disponível em: <www.winespectator.com>.